

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE PEDAGOGIA, LICENCIATURA**

MARIA DO ROSÁRIO RAMOS DE ALMEIDA

**REINAÇÕES DE NARIZINHO (1931): APROXIMAÇÕES DOS PRINCÍPIOS DA
ESCOLA NOVA**

CAMPO GRANDE/MS

2017

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE PEDAGOGIA, LICENCIATURA**

MARIA DO ROSÁRIO RAMOS DE ALMEIDA

**REINAÇÕES DE NARIZINHO (1931): APROXIMAÇÕES DOS PRINCÍPIOS DA
ESCOLA NOVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Enilda Fernandes.

CAMPO GRANDE/MS

2017

MARIA DO ROSÁRIO RAMOS DE ALMEIDA

**REINAÇÕES DE NARIZINHO (1931): APROXIMAÇÕES DOS PRINCÍPIOS DA
ESCOLA NOVA**

Trabalho de Conclusão de Curso à obtenção do grau de licenciado em Pedagogia à Banca Examinadora da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, área de Educação.

Aprovada em ___/___/_____

Prof. Dra. Enilda Fernandes – (Presidente – UEMS)

Prof. Dra. Carla Villamaina Centeno – (UEMS)

Prof. Me. Paulo Edyr Bueno de Camargo – (UEMS)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Sizenando Ojeda de Almeida e
Generosa Ramos de Almeida (*in memoriam*).

Aos meus amados filhos, Ezequiel e Micael, fonte da minha força.

Aos meus queridos netos, Jeane, Samuel e Júlia, alegria da minha vida.
À querida amiga Elisa Rodriques, apoio incondicional de todas as horas.

AGRADECIMENTOS

À Profª Enilda Fernandes, de quem tive o privilégio de receber apoio e estímulo para realizar os estudos de Iniciação Científica e concluir este Trabalho de Conclusão de Curso, minha imensa gratidão pela sua paciência e boa-vontade com a qual me orientou e pelos conhecimentos proporcionados.

À banca examinadora, Profa. Dra. Carla Villamaina Centeno e Prof. Me. Paulo Edyr Bueno de Camargo, que aceitarem fazer parte de minha banca, agradeço imensamente a disponibilidade de ambos pela contribuição.

A todos/as os/as professores e professoras que tive o prazer de conviver ao longo do curso e pelos maravilhosos ensinamentos recebidos. Sou muito grata e os levarei sempre em meu coração.

Agradeço com toda a força de meu ser aos meus queridos pais, Generosa e Sizenando, pelo exemplo de vida, determinação e coragem que me inspiraram sempre e pela orientação, apoio e amor incondicional que tiveram por mim. Aos meus filhos Ezequiel e Micael pela compreensão, paciência e apoio que me deram nestes quatro anos de curso.

Agradeço com muito carinho à Elisa, pela linda amizade e estímulo constante. Às queridas amigas Adriana Mascarenhas, Inês Castro e Rosa Helena Nunes pela torcida que fizeram por mim neste tempo todo de curso.

Aos meus queridos irmãos Fernando e Tereza pelo carinho e apoio que sempre me deram. À Nilde Brun e Laura Miranda, pelo apoio importante que recebi neste último ano do curso. Aos colegas de curso, pela boa convivência que tivemos durante o percurso acadêmico.

EPÍGRAFE

Ando com idéias de entrar por esses caminhos:
livros para crianças. De escrever para marmanjos
já me enjoei. Bichos sem graça. Mas para crianças, um
livro é todo um mundo (...) Ainda acabo fazendo livros
onde nossas crianças possam morar.
(LOBATO, 1986)

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso realizou-se uma análise da obra *Reinações de Narizinho* (1931), de Monteiro Lobato, a fim de identificar na sua literatura infantil, os elementos que caracterizam a perspectiva escolanovista e destacar os aspectos que promovem a atividade na idade escolar: a imaginação, a criação e a realização de desejos. Trata-se de um desdobramento e complemento da pesquisa realizada junto ao Programa de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na Unidade Universitária de Campo Grande/MS, intitulada: *O Estado da Arte: As Reinações de Narizinho na Obra de Monteiro Lobato*. Partiu-se do pressuposto que a literatura infantil de Monteiro Lobato traduz, por sua linguagem e estética, aspectos mais amplos que aqueles que orientaram o movimento pedagógico da Escola Nova. Para a análise recorreu-se à perspectiva histórica com base nos pressupostos marxistas e estabeleceu-se para o estudo as fontes primárias e secundárias da historiografia. No processo de pesquisa, tomou-se contato com trabalhos que buscaram discutir a obra do autor no âmbito do movimento da Escola Nova e que tomaram para exame: *A Menina de Nariz Arrebitado* (1920) e *Reinações de Narizinho* (1931), publicada no momento em que a Escola Nova estava forte no Brasil. O texto encontra-se organizado em três capítulos e as considerações finais. No primeiro capítulo fez-se um estudo acerca da conjuntura histórica e social em que a Escola Nova surge como ideário para orientar as mudanças no trabalho didático, bem como, dos princípios filosóficos que fundamentam as suas bases. No segundo capítulo abordou-se as mudanças estruturais ocorridas entre os séculos XIX e XX, tendo na sua origem o intelectual e crítico literário Monteiro Lobato. E no terceiro capítulo realizou-se a análise da obra *Reinações de Narizinho* (1931), na qual intentou-se apreender os elementos centrais que marcam os fundamentos da Escola Nova e indicar na literatura infantil, mais precisamente na obra objeto deste estudo, que a literatura deve ser na escola o instrumento de proa no trabalho didático.

Palavras-chave: Monteiro Lobato. Reinações de Narizinho. Escola Nova.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I	
1 O CONTEXTO HISTÓRICO DO MOVIMENTO DA ESCOLA NOVA.....	14
1.1 Os fundamentos da Educação Nova em John Dewey (1859-1951).....	17
CAPÍTULO II	
2 MONTEIRO LOBATO: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA E DE SUA LITERATURA.....	22
2.1 A literatura, a criança e a escola.....	29
CAPÍTULO III	
3 REINAÇÕES DE NARIZINHO (1931) E OS FUNDAMENTOS DA ESCOLA NOVA.....	36
3.1 Caracterização das personagens.....	41
3.2 A descrição da história Reinações de Narizinho.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS.....	57

Introdução

Realizamos e finalizamos em outubro de 2017, junto ao Programa de Iniciação Científica (PIBIC), da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na Unidade Universitária de Campo Grande/MS, a pesquisa intitulada: *O Estado da Arte: As Reinações de Narizinho na Obra de Monteiro Lobato*¹. Nessa pesquisa estabelecemos o arrolamento e a sistematização de produções acadêmicas que investigaram a obra, objeto de nosso estudo e analisamos a interpretação dos pesquisadores. Logo, este trabalho de conclusão de curso é um desdobramento daquela, mais precisamente é parte complementar, uma vez que, agora, tomamos para análise o livro *Reinações de Narizinho* (1931).

José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), precursor da literatura infantil no Brasil, iniciou em 1927 uma relação de amizade com um dos signatários do movimento da Escola Nova, Anísio Teixeira, ao se conhecerem nos Estados Unidos. A partir dessa convivência, os dois brasileiros passaram a compartilhar ideias, trocando correspondências. Numa delas, Lobato demonstra sua simpatia pelo documento, *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* (1932), conforme se pode observar na carta do escritor enviada a Anísio:

Comecei a ler o Manifesto. Comecei a não entender, e não ver ali o que desejava ver. Larguei-o. Pus-me a pensar – quem sabe está nalgum lugar o livro de Anísio o que não acho aqui – e lembrei-me de um livro sobre a *educação progressiva*, que me mandaste e que se estraviou no caos que é a minha mesa. Pus-me a procurá-lo, achei-o. [...]. Eureka! Eureka! Você é o líder, Anísio! Você há de moldar o plano educacional brasileiro.[...] Só você, que aperfeiçoou a visão e teve o supremo deslumbramento, pode neste País falar de educação! (NUNES, 2004, p. 216 apud VIANA e FRAIZ, 1986, p. 68. Grifo nosso).

Lobato imprime em sua abordagem um caráter lúdico e didático, algumas de suas obras referem-se a conteúdos escolares como a gramática abordada na obra *Emília no País da Gramática* (1934), geografia na obra *Geografia da Dona Benta* (1935) e a matemática em *Aritmética da Emília* (1935). Frente a isso, espaços são abertos a que se imprima nos escritos desse clássico da literatura brasileira, não só uma aproximação com os ideais escolanovista

¹Articulada a uma pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) de cunho interinstitucional, desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Sociedade, História e Educação (GEPSE) com o título: *A organização do trabalho didático na perspectiva dos educadores da Escola Nova (1930-1970)*.

como a influência de seus fundamentos nas produções infantis do escritor, especialmente em *Reinações de Narizinho*, lançada em 1931.

No entanto, aqui, partimos do pressuposto que a literatura infantil de Monteiro Lobato traduz, por sua linguagem e estética, aspectos mais amplos que aqueles que orientaram o movimento pedagógico da Escola Nova. Visamos aos seguintes objetivos: por um lado, investigar na literatura infantil de Monteiro Lobato elementos que caracterizam a perspectiva escolanovista, e de outro, evidenciar nessa literatura elementos que promovem a atividade na idade escolar: a imaginação, a criação, a realização de desejos e, por fim, destacar que a literatura deve ser na escola o instrumento de proa no trabalho didático.

No processo de pesquisa tomamos contato com alguns estudos que buscaram discutir a obra do autor no âmbito do movimento da Escola Nova e que tomaram para exame: *A menina de Nariz Arrebitado* de 1920; a segunda edição da obra que teve o título modificado para *Narizinho Arrebitado* de 1921 e, *Reinações de Narizinho*, publicada em 1931, no momento em que a Escola Nova estava forte no Brasil.

Destacamos alguns desses trabalhos: A Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 4. n. 2 publicada em 2004, no artigo de Luciana Aparecida Nunes, intitulada *A Literatura Infantil de Monteiro Lobato e o Ideário Escolanovista*, que procedeu a uma breve análise dos principais personagens da obra de Monteiro Lobato, do livro *Educação Progressiva* (1934) de Anísio Teixeira e da correspondência trocada entre esses autores. Nunes (2004) procurou discutir sobre as possíveis interfaces entre a literatura infantil lobatiana e a Escola Nova. Nesse sentido, buscou elucidar o sentido filosófico e educativo dessas obras e as bases de legitimação da possível relação entre literatura e filosofia, a partir da obra de Anísio Teixeira, e os sinais de como essa última aparece na obra de Monteiro Lobato.

Luciana França Alborghetti apresentou em 2008, ao Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), o seu relatório de pesquisa: *A representação de infância em Monteiro Lobato retratada na obra Reinações de Narizinho* (1931). Para a autora, a infância é uma construção histórico-social, concepção que inspirou sua análise no âmbito da representação da puerícia encontrada na obra *Reinações de Narizinho* de 1931. Alborghetti (2008) concluiu que a despeito da visão romântica e universalista que Lobato possuía da criança, procurou valorizá-la por meio da sua literatura. A pesquisadora indicou o importante papel de Lobato na construção da literatura brasileira e reconheceu ter havido uma aproximação do escritor com os princípios escolanovista, em razão de existir em seus escritos para as crianças, aspectos caros à teoria da Escola Nova como: o respeito à criança, a valorização de suas atividades, seus interesses e necessidades.

Em 2011, Laís Pacifico Martineli sob a orientação de Maria Cristina G. Machado apresenta na Universidade Estadual de Maringá a monografia de conclusão do curso de Pedagogia com o tema *Monteiro Lobato e o ideário escolanovista: a reconstrução da educação e a modernização do país*. Os dois textos comentados a seguir são decorrentes dessa monografia.

Em 2012, as mesmas autoras no artigo *Monteiro Lobato e a Educação: o ideário pedagógico expresso na personagem dona Benta* propõem-se a analisar o ideário pedagógico subjacente às ações de cunho educacional da personagem Dona Benta, a partir dos livros *História do mundo para as crianças* (1933), *Geografia de Dona Benta* (1935) e *Serões de Dona Benta* (1937). Martineli e Machado (2012) procuraram analisar nessas obras o quanto o ideário pedagógico escolanovista esteve presente na produção lobatiana. Objetivaram, em particular, identificar as ações de cunho educativo de Dona Benta e a relação dessa personagem com pressupostos do movimento escolanovista, que a colocam na posição de contadora de histórias, evidenciando aspectos valorizados nos princípios norteadores da nova educação, indicados como os elementos relevantes às mudanças no trabalho educativo, essencialmente na relação educativa, a saber: respeito ao interesse das crianças, a imaginação e a importância da participação ativa dos seus ouvintes, durante as sessões de leitura, quando traziam informações e contribuições na construção do conteúdo que estavam “estudando”.

Mais recentemente, Martineli e Machado (2012), publicaram na Revista Eletrônica *Contrapontos*, v. 17, n., em 2017, o artigo *Monteiro Lobato e o ideário escolanovista: um modelo de escola no Sítio do Picapau Amarelo*, no qual procuraram mostrar como, em sua obra literária infantil, o autor dialogou com os pressupostos teórico-metodológicos da Escola Nova. Evidenciaram que a aproximação ficou expressa nos livros produzidos para as crianças que coincidiu com o período que o movimento repercutiu no país de forma intensa. Buscaram fundamentar essa proposição a partir do contato que Lobato estabeleceu com as bases teóricas escolanovista e analisaram na obra *Serões de Dona Benta* de 1935, como se dá a apropriação dos modelos de educação dessa corrente teórica. Identificaram o compartilhamento dos ideais escolanovista pelo autor por meio da leitura de seus livros, nos quais projetou uma escola onde a criança (personagens) participava ativamente do processo educativo e com liberdade para descobrir e aprofundar seus interesses, quando o desejasse. À professora (Dona Benta) coube o papel de propiciar as condições necessárias para que a aprendizagem da criança pudesse ocorrer por meio de brincadeiras. Dessa forma, os conteúdos científicos se tornariam essenciais à sua formação, a aprendizagem se iniciaria pela experimentação, a observação por meio dos cinco sentidos e daquilo que a criança vivenciava no seu dia a dia.

Também em 2017, Ana Aparecida Arguelho de Souza, publicou na revista HISTEDBR On Line, um estudo orientado pela matriz teórica marxista no qual discute *A Literatura de Monteiro Lobato e a Escola Nova* e que envolveu duas áreas do conhecimento: a área de Letras e a área da Educação. Na primeira, intentou-se investigar o teor linguístico e narrativo da literatura infantil inaugural de Lobato, no sentido de ter alterado formas literárias e temáticas e ter ressignificado as mitologias e os fabulários universais, valorizando não só a literatura, mas também a cultura brasileira. E na segunda, convergindo a investigação para o ideário da Escola Nova e as mudanças na organização do trabalho didático² observadas nas formulações dos seus teóricos, a investigação da relação de Lobato com esses e a sua contribuição com o movimento.

Nesse sentido, Souza (2017) destaca que Lobato foi um liberal afinado com as perspectivas progressistas de seu tempo e que, em decorrência da amizade com Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, vem a conhecer os preceitos da Escola Nova, mas assinala que:

De todo modo, embora não haja encontrado nenhum indicativo de intencionalidade explícita de Lobato em relação a se colocar dentro da escola nova como um partícipe, é possível captar aproximações entre a literatura infantil de Lobato e os fundamentos da Escola Nova que estão contidos em obra de John Dewey (SOUZA, 2017, p. 32).

A autora destaca que: “Nada na revisão da literatura indica com certeza a proximidade, quanto mais a intencionalidade nas transformações operadas por Lobato na obra estudada em relação à Escola Nova” Souza (2017, p. 38). Conclui sua análise evidenciando que, Lobato, impulsionado por forças sociais poderosas e em razão de sua história de vida, das condições materiais que possuía e das suas características próprias, captou a atmosfera de mudanças e de progresso material daquele momento histórico e foi capaz de conceber uma nova roupagem para a literatura infantil.

Para a nossa análise recorreremos à perspectiva histórica com base nos estudos marxistas. Estabelecemos para o estudo as fontes primárias e secundárias da historiografia. Organizamos o texto em três capítulos, e as considerações finais. No primeiro capítulo realizamos um estudo acerca da conjuntura histórica e social em que a Escola Nova surge como ideário para orientar

² A organização do trabalho didático formulada a partir do pragmatismo presente no pensamento burguês propunha um programa que voltado a educar a todos os homens, mas focado tão somente nos conhecimentos necessários para uma atividade funcional na sociedade, ou seja, com uma sistematização abalizada em um método que ensinasse os conteúdos básicos: ler, escrever, contar, medir, e também conteúdos de ordem mais geral, com metas e objetivos práticos, e utilizando-se de um instrumento de trabalho que conduzisse a ação educativa. FERNANDES, Enilda. *Métodos e Conteúdos de Alfabetização em Manuais Didáticos nos Séculos XIX e XX*: de Calkins a Lourenço Filho. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-graduação em Educação. Campo Grande, 2014.

as mudanças no trabalho didático, bem como, os princípios filosóficos que fundamentam as suas bases. No segundo capítulo, abordamos as mudanças estruturais ocorridas entre os séculos XIX e XX, tendo na sua origem o intelectual e crítico literário Monteiro Lobato. E no terceiro capítulo, intentamos a análise de *Reinações de Narizinho* (1931), na qual procuramos apreender os elementos centrais que marcam os fundamentos da Escola Nova e indicar na literatura infantil, mais precisamente na obra objeto deste estudo, que a literatura deve ser na escola o instrumento de proa no trabalho didático.

CAPÍTULO I

1 O CONTEXTO HISTÓRICO DO MOVIMENTO DA ESCOLA NOVA

O movimento da Escola Nova iniciou-se no Brasil em 1920, constituindo-se efetivamente por volta de 1930, num momento histórico em que se faziam presentes mudanças no mundo todo. No entretanto, entre os séculos XVIII e XIX, o mundo atravessava um período de transição com mudanças na esfera estrutural. Conseqüentemente, uma nova organização social viria a firmar-se como o modo de produção, consolidando a sociedade burguesa capitalista.

A esse respeito, Anísio Teixeira (2007) escreve que “sempre que estejam formando relações sociais absolutamente novas, a história sofre uma transição, na qual nos deparamos em condições confusas e perturbadoras”. Destarte, em meio aos acontecimentos, articularam-se mudanças no campo político e econômico. Logo, novas necessidades e novas demandas impuseram mudanças nos diferentes setores, inclusive na Educação, pois, em meados do século XX, no Brasil, ainda não existia um sistema universal de Educação e nem havia princípios sólidos para uma educação pública. Desse modo, o documento *O Manifesto dos Pioneiros da Nova Educação* de 1932 iniciava suas páginas indicando que:

Na hierarquia dos problemas nacionais, nenhum sobreleva em importância e gravidade ao da educação. Nem mesmo os de caráter econômico lhe podem disputar a primazia nos planos de reconstrução nacional. Pois, se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas, é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade (O MANIFESTO...1932, p. 1).

Nesse documento, seus signatários, educadores e intelectuais brasileiros³, além de denunciarem a inoperância da educação, propunham para ela uma revisão naquele momento histórico, nos seguintes termos:

[...] sob a inspiração de *novos ideais de educação*, é que se gerou, no Brasil, o *movimento de reconstrução educacional*, com que, reagindo contra o *empirismo dominante*, pretendeu um grupo de educadores, nestes últimos doze anos, transferir do terreno administrativo para os planos político-sociais a solução dos problemas escolares. [...] (O MANIFESTO... 1932, p. 2. Grifo nosso).

³ Signatários do Manifesto dos Pioneiros: Fernando de Azevedo, Afranio Peixoto de Sampaio Doria, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Roquette Pinto, J. G. Frota Pessoa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briget, Mario Casassanta, C. Delgado de Carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr, J. P. Fontenelle, Rodão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Attilio Vivacqua, Paulo Maranhão, Cecilia Meirelles, Edgar Sussekind de Mendonça, Armanda Alvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nobrega da Cunha, Paschoal Lemme e Raul Gomes.

Atestando que, em 43 anos de República, as reformas educacionais e econômicas apresentaram-se desarticuladas entre si, condição que não possibilitou a criação de um sistema escolar organizado para atender às necessidades de modernização do país. Era grave e urgente o estabelecimento de encaminhamentos para solucionar os problemas da instrução no Brasil, mas faltava aos administradores uma visão global do sistema social, para dar à educação a coesão necessária. Assim, escrevem os manifestantes da Nova Educação:

[...] no Brasil, se verificará que, dissociadas sempre as reformas econômicas e educacionais, que era indispensável entrelaçar e encadear, dirigindo-as no mesmo sentido, todos os nossos esforços, sem unidade de plano e sem espírito de continuidade, não lograram ainda criar um sistema de organização escolar, à altura das necessidades modernas e das necessidades do país. Tudo fragmentário e desarticulado (O MANIFESTO...1932, p. 1).

Na concepção dos educadores de vanguarda do Manifesto, em tempo de mudanças estruturais, fazia-se urgente e necessária, ao lado da reconstrução do país, uma reconstrução educacional. Assim, para os pioneiros, unidade era a palavra de ordem. Isto é, a idealização de uma Educação completa, de grande alcance, só seria realizável caso apreendessem a conjuntura brasileira de uma forma mais ampla e em seu conjunto.

O Brasil precisava alinhar-se aos países da América Latina que caminhavam em direção à industrialização. Todavia, o país ainda encontrava-se em transição na sua forma de produção, sendo incipiente ainda no campo da indústria. Para acompanhar o desenvolvimento precisava modificar sua forma de produção, e isto implicava em estabelecer mudanças em sua estrutura, e por consequência, em sua superestrutura. Tais condições forjam políticas sociais do Estado no quadro geral.

Portanto, cabe entender a necessidade de “[...] permanecer sobre o *solo* da história real; não de explicar a práxis a partir da idéia, mas de explicar as formações ideológicas a partir da práxis material [...]” (MARX E ENGELS, 1986, p. 56). Eis a conexão da base material na construção dos processos ideológicos. A formulação de um projeto educacional para um país, decisivamente, requer que o coloque na base material. As políticas públicas sociais não ocorrem desvinculadas das transformações mais gerais que se conformam numa sociedade. E, assim, os idealizadores da nova educação a conclamam oficialmente, como explica Souza:

Os novos ideais de educação ocorrem no bojo de renovação mais universal, provocada, em última instância pelas crises do capital concorrencial, no último quartel do século XIX e que vai resultar na recomposição do capitalismo em

sua forma monopólica e em inevitáveis transformações culturais (SOUZA, 2017, p. 2).

Note-se, no final do século XIX, uma das ações salutar à recomposição do capitalismo em crise era a *renovação* da Educação. Nessa direção, o Brasil procurava alinhar-se às novas demandas, de modo que, recomendar um modelo educacional pragmático, voltado para a vida e para o trabalho na sociedade moderna, fazia parte daquele processo de reconstrução do país. Por conseguinte, no plano universal, as expectativas de *renovação* representavam nada além do que um alinhamento às demandas do capital em decorrência de suas crises, daí a reorganização no domínio da Educação.

Estabelecem a crítica ao modelo escolar designado como “escola tradicional”, em função de seu método transmissivo e de ensino propedêutico, centrado na figura do professor, e de curto alcance, isto é, não havia ainda instituído a escola universal, gratuita, única.

O ensino vigente até aquele momento, em face da mudança estrutural da produção e da economia no mundo ocidental reclamava um novo modelo de educação que acompanhasse as novas necessidades que se faziam presentes. Algumas ideias expressas no pensamento de Dewey: a ideia de atividade, do fazer ativo, da “descoberta”, da “experiência”, consistia no método adequado para permitir à criança investigar e conhecer o mundo. Anísio Teixeira (2006, p. 41) diz que “Nenhum grande filósofo moderno foi mais explícito que Dewey na necessidade dessa transformação educacional, imposta pela filosofia fundada na nova ciência do mundo físico e nova ciência do humano e do social”.

Segundo Piaget (2010) os novos métodos definidos pelo recurso à atividade da criança já existiam desde a Maiêutica de Sócrates, pois ele já fazia um apelo à atividade do aluno. Rabelais e Montaigne se opunham à educação verbal, passando por Claparède e outros, porém é em Rousseau que se encontra uma concepção mais organizada para explicar que a educação se dê pela atividade, afirma o educador suíço.

Para Piaget (2010), de um modo geral, os princípios dos novos métodos para a educação escolar foram concebidos pelos grandes clássicos da Pedagogia, mas, estes não tinham ainda uma Psicologia para a elaboração de técnicas educativas verdadeiramente adaptadas às leis do desenvolvimento mental. Para os teóricos da Pedagogia Moderna, já era tempo de uma inversão: ao invés de adaptar a criança à escola, deveriam criar uma escola para a criança. Segundo Piaget (2010), Rousseau teria sido o Copérnico da Pedagogia Moderna, mas lhe faltou uma definição clara do caráter ativo da infância.

No entanto, em se tratando das questões que visavam combater a escola literária, cabe ressaltar que no século XVII, Comênio (1539-1670) já defendia uma educação que atendesse

as crianças em seu desenvolvimento natural, por um método que tomasse em consideração uma aprendizagem fácil e agradável. Comparando o desenvolvimento do infante com a natureza, propunha organizar a sala de aula como uma oficina de homens, valorizando a experiência e a educação por meio dos sentidos, utilizando recursos visuais, imagens, gravuras e objetos.

Influenciado pelos estudos das correntes pragmáticas, nos Estados Unidos, Dewey, em 1896 criava a sua escola experimental, na qual todo o trabalho seria focado nos interesses e necessidades com base nas características da idade da criança. John Dewey foi o pensador que exerceu forte influência na obra de renovação e estruturação da Educação no Brasil, no início do século XX. Portanto, convém, no tópico seguinte, realizar um esboço das origens de suas ideias.

1.1 Os fundamentos da Educação Nova em John Dewey (1859-1951)

Inicialmente, um pequeno esboço das origens dos ideais de Dewey. Norte-americano, nasceu em 1859, em Burlington, no Estado de Vermont, adepto ao pragmatismo. No Brasil foi o principal mentor das ideias de *renovação* na Educação. Entre os principais formuladores da filosofia pragmática, encontramos como integrantes do Clube da Metafísica, criado em 1870, composto por um grupo de jovens intelectuais em Cambridge, Charles Peirce (1839-1914) e William James (1842-1910). Vivenciando o estado de depressão social do povo norte-americano, em consequência da crise econômica surgida nos pós-guerra civil (1861-1865), esse grupo se propôs a encontrar a solução.

Era um contexto histórico em que se evidenciava o debate entre a proposição de uma educação repressiva ou educação livre, bem como, a questão da dicotomia educação privada ou pública. Peirce e James defendiam a ideia de que estaria nas mãos das pessoas o seu próprio destino, assinala Bevilaqua (2014). Essa discussão que envolvia a ruptura do caráter público ou privado na educação tem por base “o debate de Hobbes, Locke e Rousseau (XVII/XVIII), em torno do caráter divino ou da natureza humana” (BEVILAQUA, 2014, p. 10) e, a partir dessas respostas, “ergueram-se as teorias de formas de constituição e governo do que se chamou Estado Moderno” (MACHERSON, 1979 apud BEVILAQUA, 2014).

Conforme Renato Rodrigues Kinouchi (2007), Pierce e James são pragmatistas, porém, com percepções diferentes. O primeiro apresenta um caráter lógico e o segundo orienta-se por uma vertente humanista. Para Kinouchi (2007), Dewey faz uma síntese das bases que informa o pensamento dos dois e dá origem a um tipo de pragmatismo que abaliza a teoria experimental. É importante dizer que antes de chegar a esta síntese, Dewey conheceu o darwinismo e o

hegelianismo. Em sua trajetória intelectual e social, escreveu em revistas, lecionou, participou de movimentos democráticos e libertários liberais, tornando-se reconhecido por suas obras.

Conforme Bevilaqua (2014), é na inter-relação dos corpos e organismos que Dewey identifica o movimento para a evolução natural, e é esta percepção que o leva a sua obra: *Experiência e Educação*, concepção reafirmada em *Democracia e Educação*, em que condensa todo o seu trabalho na Pedagogia, na qual a liberdade é condição natural para o desenvolvimento da vida.

Bevilaqua (2014) concebe que Dewey abaliza sua teoria numa perspectiva biológica, que ampara a ideia de experiência, concepção em que o educador denota uma função para a vida, sendo a experiência, atividade vital que existe a partir da relação com o ambiente que:

[...] fundamenta o critério biológico como base fundamental contra todos os tipos de preconceitos. A vida em sua condição natural e mais primária demonstra que a evolução da espécie humana biologicamente necessita da liberdade de movimento para se desenvolver tanto física quanto intelectualmente, portanto, da educação como prática de experiência e liberdade (BEVILAQUA, 2014, p. 12).

Nesse sentido, os educadores devem utilizar a ciência para a formação de indivíduos livres, uma Pedagogia como prática de experiência para desenvolver, tanto física quanto cognitivamente. Eis a circunstância que move para uma nova condição de vida democrática.

Dewey reconheceu a tendência democrática do mundo contemporâneo e a interpretou como o modo de vida social em que “cada indivíduo conta como uma pessoa”. Advém, essencialmente dessa teorização, o respeito pela personalidade humana e a individualidade. A escola passa a ter uma nova finalidade, a de “preparar cada homem para ser um indivíduo que pensa e que se dirige por si” (TEIXEIRA, 1968, p. 36) e, como decorrência, o método a propósito dela: a experiência. O método experimental seria aquele capaz de proporcionar o desenvolvimento de seu potencial humano.

Para Dewey (2002), a experiência e a vida possuem o mesmo significado por resultarem da experiência da natureza. Desse entendimento, decorre sua proposição de uma educação concebida a partir do reconhecimento do valor da experiência e a escola, denominada de progressista, como ponto central da conexão entre vida e o fazer na prática. Ilustramos com as palavras de Dewey:

Tenho tentado mostrar como a escola se pode relacionar com a vida de forma a que a experiência que a criança adquire de uma maneira familiar e natural seja transportada e utilizada na escola e o que a criança aprende nela seja devolvido e aplicado na vida quotidiana, tornando a escola um todo orgânico

ao invés de um conjunto de partes isoladas. Desaparece o isolamento, não só dos vários domínios de estudo, como das diferentes partes do sistema escolar. A experiência tem elementos geográficas e vertentes artísticas e literárias, científicas e históricas (DEWEY, 2002, p.78).

Será, então, uma escola que irá privilegiar o contato com o mundo, que estimulará no aluno a expressão da sua individualidade, a atividade livre a partir dos seus interesses, que buscará aproveitar ao máximo as oportunidades do presente e o aprender por meio da experiência. A Filosofia da Educação progressiva de Dewey considera como objetivo importante criar no aluno o poder do autocontrole e assume como unidade fundamental a “ideia de que existe uma relação íntima e necessária entre os processos da experiência real com a educação” (DEWEY, 2002, p. 22). Coloca nos processos de obtenção dos conhecimentos a sua ênfase e posiciona a pesquisa como norteadora do ensino.

Feita esta breve caracterização sobre o pensamento de Dewey, sua origem, passamos agora às suas contribuições. Estadunidense, educador e filósofo, figura emblemática entre os maiores pedagogos da América. Como citamos anteriormente, ele foi um marco na história da Educação no Brasil, grande referência na construção da teoria para a nova Educação no *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932*.

Conforme já mencionamos, os avanços da ciência e da tecnologia, especialmente os Estados Unidos da América, marcaram um tempo mudanças no mundo. O desenvolvimento da ciência abaliza a crescente industrialização e, com efeito, a urbanização, que acarreta grandes transformações sociais, culturais, econômicas e políticas. Diante das mudanças ocorridas, imperativamente, novos ideais foram pensados. Os intelectuais debateram os problemas sociais. Entre eles, destacamos Dewey, formulador de teorias que, no seu entendimento, solucionariam os problemas filosófico-pedagógicos de seu tempo.

Nas décadas finais do século XIX, os conflitos da Guerra Civil (1861-1865), marcaram sobremaneira a vida dos americanos com repercussão até o final das últimas décadas do século XX. Segundo Bevilaqua (2014), no início do século XX a estrutura socioeconômica capitalista dos Estados Unidos completou sua transição para o imperialismo.

Conforme Karine Biasotto e Maria Inalva Galter (2016), assinalando os debates políticos, econômicos e ideológicos, os Estados do Sul, escravocratas, apoiavam os democratas, e o Norte industrial apoiava os republicanos que, por sua vez, defendiam o crescimento do setor com uso de mão de obra assalariada. Ainda as mesmas autoras informam que, do fim da Guerra Civil até a Primeira Guerra Mundial, os Estados Unidos da América formaram um país urbanizado com diversas fábricas, siderurgias e ferrovias. Nesse acelerado processo de

industrialização, a grande quantidade de fábricas modificou intensamente as atividades laborais. Muitas das atividades foram automatizadas com as inovações implantadas nas fábricas.

Os efeitos da industrialização e da urbanização foram sentidos. Criaram-se, então, instituições sociais para ajudar os imigrantes recém-chegados aos Estados Unidos, bem como a população mais carente do próprio país. Dewey integrou uma dessas organizações, nas quais foram desenvolvidos projetos filantrópicos para a população marginalizada.

Nesse contexto, Dewey dedicava-se à escola laboratório da Universidade de Chicago a fim de desenvolver o seu ideal de educação. Para o norte-americano, educar a criança por meio de atividades práticas é o caminho mais adequado para proporcionar-lhe o seu desenvolvimento integral, físico, emocional e intelectual. No seu entendimento, a escola passaria a ter uma nova finalidade, a saber, “preparar cada homem para ser um indivíduo que pensa e que se dirige por si” (TEIXEIRA, 1968, p. 36). Nessa perspectiva, criticava a concepção do *Ensino Tradicional*, que põe em evidência a centralidade do seu método no professor.

No prefácio do livro, *A Valorização nas Ciências Humanas*, o professor Luiz H. de Araújo Dutra (2009), apresenta o propósito principal da filosofia do educador americano:

Seu objetivo central parece então ser o de reintegrar o conhecimento e a atividade humana em um quadro geral da *evolução universal*, ao mesmo tempo, sem tirar do homem aquilo que o distingue e exalta entre as criaturas vivas (PARODI, 1939 apud DUTRA, 2009, p. 3. Grifo do Autor).

Nessa passagem de Parodi, Dewey afirma que a sentença é tão breve, e também tão apropriada, pois expressa muito bem o problema que o preocupava, acrescentando que para a atividade humana deve ser devolvido o conhecer “*no quadro geral da realidade e dos processos naturais*” (DEWEY apud DUTRA, 2009, p. 4. Grifo do autor). Dewey vincula o conhecimento humano à ação, isto é, a valorização da atividade é um dos elementos centrais para pôr em evidência que existe apenas um método para as ciências naturais e para toda a humanidade – em síntese, para a teoria e para a prática – afirma Dutra (2009).

De acordo com Dewey (2002), é o dualismo presente nas concepções tradicionais que coloca, de um lado, as atividades de investigar e de outro, conhecer o mundo e agir sobre ele. A ênfase na atividade dentro do processo ensino-aprendizagem colocaria a criança de forma ativa no trabalho educativo, constituindo-se nos novos princípios para uma nova educação, tese defendida pelos intelectuais pioneiros da Escola Nova, por adequar-se como uma proposta conveniente para os novos princípios educacionais, na concepção da Escola Nova. O pressuposto era o de que, agora, a inserção do cidadão na sociedade, pautada nos ditames da

democracia e do estado liberal, necessitava de uma formação desse cidadão com base no desenvolvimento da autonomia, iniciativa, ideias próprias e capaz de inserir-se na sociedade do trabalho.

Nesse sentido, O *Manifesto dos Pioneiros de 1932*, traduzia um modelo de educação pautado nos princípios centrais da *Escola Nova*, articulada, inicialmente, nos Estados Unidos a partir do pragmatismo norte-americano de John Dewey. Para essa concepção, é a partir da criança e dos seus interesses que o processo ensino-aprendizagem se concretizaria e, por isso, seria necessário deslocar esse processo para a própria criança, para os seus interesses, de modo que ela possa desenvolver-se por meio da aplicação de uma atividade concreta, na qual irá fazer uso de todas as suas faculdades cognitivas, emocionais e físicas, sendo o conhecimento concretizado em uma experiência significativa.

Interpretando Dewey, Teixeira pontua que “Nenhuma instrução verdadeira se processa senão por intermédio do desenvolvimento de uma atividade, ou, para empregarmos uma palavra mais precisa, senão por intermédio da experiência” (2006, p.39). Tem-se aqui uma das distinções entre os pressupostos da *Escola Nova* e a *escola tradicional*, qual seja, a valorização do caráter educativo da experiência, conforme exposto a seguir:

Só pela experiência podemos nós entrar em contato com os conhecimentos, só pela experiência podemos vir a pensar. Experiência é, em si, o ato de fazer alguma coisa e sofrer dessa coisa certa reação. É um processo ativo e passivo. A experiência é educativa quando nos leva à reflexão, a pensar. Pensamento é o discernimento da relação ou das relações entre o que experimentamos fazer e o que acontece em consequência disso. É essa a parte cognitiva da experiência, a interpretação do seu elemento inteligente. E é isso que faz da experiência um processo de inquérito, de investigação, o que, por outro termo, quer dizer um processo de pensamento (TEIXEIRA, 2006, p. 61).

A fim de que a proposição da experiência, no sentido de trazer para o plano da vivência real da criança se concretize, Dewey reformula o ambiente escolar que se processa o caminho educativo de tal forma que as escolas se transformem em *Escolas de experimentação* (DEWEY, 2002 p. 62), com uma nova configuração espacial, sem carteiras e sem a rigidez e a formalidade características da escola tradicional. Cabe ao professor o papel de apoio e orientação, atuando como facilitador na trajetória educativa da criança, que passa a ter à sua disposição um conjunto de materiais e de informações que lhe permitam uma interação contínua com eles, fazendo a ressignificação da experiência em novos conhecimentos, e assim por diante, num contínuo crescente de aprendizagens.

CAPÍTULO II

2 MONTEIRO LOBATO: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA E DE SUA LITERATURA

Nascido em Taubaté (SP), em 18 de abril de 1882, recebeu o nome José Renato Monteiro Lobato, mudando-o para José Bento Monteiro Lobato, após ganhar de presente a bengala de seu pai com as iniciais JBML. Seus pais, José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Monteiro Lobato, faleceram ainda na sua adolescência quando passou, então, a morar com o avô materno, J. F Monteiro, Barão e depois Visconde Tremembé, que exerceu grande influência em sua vida.

Passou a infância em um sítio, alfabetizado pela mãe, descobriu os livros na biblioteca do avô materno, onde leu todos os livros de literatura para criança em língua portuguesa. Cursou, em Taubaté (SP), o ensino secundário e, aos 13 anos, mudou-se para São Paulo, para ingressar no Instituto de Ciências e Letras. Era muito habilidoso com o desenho e, desde a adolescência, foi colaborador dos jornaizinhos *Pátria*, *H2S* e *O Guarany* do Colégio Paulista, utilizando os pseudônimos Josben e Nhô Dito.

Em decorrência dessa forte inclinação para o desenho e para a caricatura, tinha por sonho cursar a Escola de Belas-Artes na capital, São Paulo. Porém, sob a influência do avô que via nele seu sucessor nos negócios da fazenda, em 1900, aos 18 anos de idade, inicia o curso de Direito na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco. Aliou, nessa época, o trabalho de caricaturista e desenhista com os estudos e colaborou com diversas publicações estudantis.

No campo das Letras mostrou sua versatilidade, foi contista, ensaísta, tradutor e editor. Junto com colegas de turma fundou a Arcádia Acadêmica, da qual foi presidente dois anos depois. Colaborou com o jornalzinho *Minarete* e escreveu, usando de pseudônimos, vários contos que, posteriormente, iriam fazer parte das publicações *Cidades Mortas*, *Gens Ennuyés* e *A Cruz de Ouro*.

Em 1904 retornou a Taubaté, já bacharel em Direito, ocupando interinamente a Promotoria do município, mas, por seu espírito inquieto, sentia-se destituído da liberdade que usufruía na Capital. Em 1907 foi nomeado Promotor Público em Areias (SP) e, no ano seguinte, casou-se com Maria Pureza da Natividade (dona Purezinha) com quem teve os filhos Martha, Edgard, Guilherme e Ruth.

Com o falecimento do avô, em 1910, sua vida mudou drasticamente, pois, herdara a Fazenda Buquira, onde se instalou com toda a família. Mas, mesmo vivendo no interior, manteve uma contribuição frequente com *A Tribuna de Santos*, *A Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, e enviava caricaturas e desenhos para a revista *Fon-Fon*. Também traduzia artigos do

Weekly Times para o jornal *O Estado de São Paulo* e abandona a função de Promotor Público para dedicar-se à vida de fazendeiro, promovendo melhorias no processo de produção, modernizando a lavoura e a pecuária.

No Brasil, foi o precursor da literatura infantil. Contribuiu de forma decisiva para a inauguração de uma nova linguagem direcionada às crianças, permeada de imaginação, fantasia e da inserção do folclore brasileiro. Nesse sentido é um marco importante no rompimento de um padrão de literatura que não correspondia à realidade brasileira, pois, até então, tanto enredo como personagens eram representações oriundas de países estrangeiros, notadamente da Europa, o que não proporcionava uma identificação com os leitores. Conforme Souza (2017, p. 29): “É contra esse tipo de linguagem que Monteiro Lobato vai se insurgir, contra essa europeização das letras e da cultura que impedia a criação de um ideal estético nacional genuíno e verdadeiro”. Portanto, Lobato desempenha papel decisivo no âmbito da leitura e da literatura.

Foi uma figura importante para o seu tempo, embora não articulado a partidos ou movimentos políticos de forma direta, mantinha uma postura crítica frente à realidade social e histórica na qual vivia. Assim escreveu *Urupês*, no qual cria o “Jeca Tatu”, um personagem do meio rural, o cabloco por meio do qual denuncia o descaso e o desprezo do governo para com o sofrimento do povo no interior do Brasil. Esse livro, publicado em julho de 1918, com grande sucesso, chamou a atenção de Rui Barbosa que em um discurso de sua campanha eleitoral, fez referência à personagem do “Jeca Tatu”.

Conforme Carnio (1997, p. 15), o “Jeca Tatu” expressa o contraste opulento do proprietário de terra que tinha nas mãos os destinos políticos e econômicos do país, com a simplicidade de quem, na miséria da ignorância, à margem da vida, da civilização, era “[...] um depredador inconsciente, sem iniciativa, uma espécie de piolho da terra, construtor parasitário, aliado do sapé e da samambaia, um homem que não vivia [...]”, nas palavras de Lobato: “Só ele [o Jeca] não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele, no meio de tanta vida, não vive [...]” (LOBATO, 1950 apud CARNIO, 1997, p. 15). Registram-se também os personagens que viriam tomar forma no *Sítio do Pica-pau Amarelo*.

Na obra *O Vale do Paraíba, diamante a lapidar*, Lobato faz alusão à marcha do café para o oeste paulista dizendo que:

[...] a princípio passou por lá o café, montado na Onda Verde [...]. Mas o café passou, na sua marcha atilesca rumo ao roxo-terra oestino, como lembrança deixou casarões apalaçados nas cidades e a samambaia e o sapezal na morraria (LOBATO, 1950 apud CARNIO, 1997, p. 6).

Em *Cidades Mortas*, um livro de conto publicado em 1919 pela *Revista do Brasil*, ambientado no vale da Paraíba, evidencia que o solo carecendo de recomposição em suas propriedades orgânicas e ainda, em razão da intensificação do uso da monocultura do café, foram fatos determinantes para a fuga de capitais na região.

O interesse pela fazenda diminui na mesma proporção em que cresce seu envolvimento com a atividade intelectual e literária. Aumentam as possibilidades de trabalho com convites para colaborar em jornais e revistas. Resolve vender a propriedade, o que demorará alguns anos para se concretizar até surgir um comprador: “Farto ando da roça e de me aborrecer diariamente com a maior peste que Deus ou Diabo botou no mundo para eterno castigo desta besta de carga que é um fazendeiro norte-paulista: o caboclo!” (LOBATO apud AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997, p. 61), desabafo que traduz bem o estado de ânimo em relação à atividade como fazendeiro.

Com a venda da fazenda e o dinheiro rendendo juros no banco, Lobato muda-se para São Paulo e dá início à colaboração com a *Revista do Brasil*, recém fundada e com cuja linha editorial se identifica. Embuído da ideia de não se submeter a nenhum chefe que não fosse ele próprio, torna-se proprietário da *Revista* em 1918, iniciando sua carreira como editor e a transforma em um centro de cultura. Junto à direção da revista resolve criar sua própria editora: “Tenho esperanças de que desta brincadeira da Revista do Brasil me saia uma boa casa editora. Pena morarmos num país em que o analfabetismo cresce. Cresce com o aumento da população”. (LOBATO apud AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997, p. 122). Dedicase à sua própria produção, bem como a de outros autores como: João do Norte, Paulo Setúbal, Hilário Tácito, O. Vianna, Guilherme de Almeida, Francisca Júlia, Menotti del Picchia, Martins Fontes e Lima Barreto.

Torna-se o responsável pela produção de livros no país e realiza inovações tanto no processo de produção como no de distribuição, conforme Rocha *apud* Alborghetti (2008, p. 37), pois, antes de Lobato, existiam poucas editoras no país. No processo de distribuição de livros, percebendo que não existia um sistema organizado que fizesse a articulação entre editora e os pontos de vendas, estruturou uma rede de distribuidores em todo o país:

O corpo de vendedores compreendia autônomos, consignatários e empresas sediadas no interior, “escolhidas e recomendadas como inidôneas pelo serviço secreto de informações da Associação Comercial”. Em meados de 1921 a Monteiro Lobato & Cia. já conta com uma rede de mais de trezentos vendedores em expansão permanente, o que permite levar as obras aos pontos mais remotos do país, alavancando extraordinariamente sua saída. Como

consequência, as tiragens aumentaram, alcançando níveis nunca antes atingidos (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997, p. 130).

Com uma visão editorial inovadora em relação àquela praticada pelos antigos editores, promoveu inovações no campo editorial e publicou obras de seus amigos e de novos talentos:

E, na contramão das práticas editoriais, prioriza os novatos, lançando gente praticamente desconhecida. “Naquele tempo, para alguém editar um livro tinha que possuir uma destas qualidades: ser rico, ter prestígio junto a um medalhão, ou ser filho de pai ilustre”, explicaria mais tarde. Quando correu a notícia da procura por coisas inéditas, de autores que não se encaixavam em nenhuma dessas categorias, passaram a chover originais de todos os recantos do país, como se de repente o Brasil atravessasse uma fase de inusitado brilho no campo da literatura. Centenas de textos engavetados vieram à luz do dia graças à sua política editorial (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997, p. 124).

Por perceber no livro um produto de consumo, dá tratamento diferenciado às capas, tornando-as coloridas e atraentes, além de primar por uma produção gráfica de qualidade. Ao notar que deveria ampliar a divulgação, não se restringindo à rede de vendedores autônomos e de distribuidores de que disponha por todo o país, lançou uma campanha de publicidade em jornais, como o *Estado de São Paulo* e na própria *Revista do Brasil*.

Os seus primeiros livros foram publicados pela *Editora da Revista do Brasil*, mas com a fundação da *Editora Monteiro Lobato & Cia.*, que passou a chamar-se *Companhia Editora Nacional*, por meio dela, publicou várias obras como *O Problema Vital*, reunião de vários artigos sobre saúde pública e, em seguida, a tese *O Saci Pererê: Resultado de um Inquérito*. Entre os livros de novos autores, encontra-se a obra *Éramos Seis* de Maria José Dupré, que obteve sucesso de vendas. O livro *Urupês*, publicado em julho de 1918, conseguiu grande sucesso e em consequência dessa popularidade, Lobato publicou nesse mesmo ano os livros *Cidades Mortas e Ideias de Jeca Tatu*.

Buscando dar maior solidez à empresa, Lobato envereda pelo caminho já trilhado por quase todas as editoras, investindo no gênero didático, de consumo obrigatório. De início, lança um livro de leitura que, submetido à aprovação do governo de São Paulo, foi aceito e adotado para uso no segundo ano das escolas públicas. Sob o título *Narizinho arrebitado*, acabou recebendo elogios da crítica e do professorado, figurando no balanço de 1921 com uma edição de cinquenta mil exemplares (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997, p. 124).

Com *Narizinho Arrebitado*, livro de cunho didático-pedagógico, publicado em 1921, dá início à sua trajetória como escritor de literatura infantil. Sua intenção era a de criar

uma escrita acessível às crianças que tornasse o ato da leitura prazeroso e instigante. A confecção do livro objetivou atender a um pedido do presidente de São Paulo, Dr. Washington Luís, e assim, foram distribuídos gratuitamente 500 exemplares nas escolas, tornando-se, além de algo inédito no mercado editorial, um sucesso absoluto junto ao público infantil. Em relação à sua produção para o esse público, em carta endereçado a Rangel, em 13 de abril de 1919, Lobato registra seu interesse em escrever para crianças:

Tive idéia de um livrinho que vai para a experiência do público infantil escolar, que em matéria fabulística anda a nenhum. [...] Fiz então o que vai. Tomei de La Fontaine o enredo e vesti-o à minha moda, ao sabor do meu capricho, crente como sou de que o capricho é o melhor dos figurinos (LOBATO, 1972, p. 290 apud ALBORGHETTI, 2008, p. 45).

Em razão do sucesso com *Narizinho Arrebitado*, outros títulos se sucederam: *Fábulas de Narizinho* (1921), *O Saci* (1921), *O Marquês de Rabicó* (1922), *A Caçada da Onça* (1924), *O Noivado de Narizinho* (1924), *Jeca Tatuzinho* (1924) e o *O Garimpeiro do Rio das Garças* (1924). Essa preocupação em aperfeiçoar a palavra destinada à criança e de tornar seus textos mais interessantes para o público infantil está expressa neste pequeno trecho que teve como destinatário o amigo Rangel:

Não imaginas a minha luta para extirpar a literatura dos meus livros infantis. À cada revisão nova das novas edições, mato, como quem mata pulgas, todas as “literaturas” que ainda as estragam. Assim fiz no Hércules, e na segunda edição é que faço a caçada das pulgas – e quantas encontro, meu Deus! (LOBATO, 1972, p. 372 apud ALBORGHETTI, 2008, p. 46).

Procurou elaborar uma linguagem que estabelecesse a identificação junto ao leitor infantil, retirando excessos e tornando seus textos interessantes e atrativos. Com isso, os livros destinados às crianças teve grande projeção. Lobato havia encontrado um mercado consumidor em que só existia concorrência com os autores estrangeiros e, para tanto, contou com o apoio da *Revista do Brasil* fazendo a divulgação e de uma editora. Além disso, o domínio da linguagem contribuiu para seu sucesso nessa área, pois suas histórias encantavam as crianças. À época do Natal lançava sempre uma nova edição de um livro e, com isso, tornava cativos os pequenos leitores.

A tiragem dos livros tem um aumento significativo e em consequência Lobato aumenta seu parque gráfico, importa máquinas dos Estados Unidos e da Europa, obtendo autonomia na atividade editorial. Promoveu inúmeras melhorias na qualidade dos livros com capas bem trabalhadas e gravuras no seu interior, além da estética impecável de suas narrativas.

Outra novidade da revolução industrial promovida por Lobato foi a mudança no padrão gráfico do livro, através de uma programação visual sofisticada e tipografia elegante, atentando, ao mesmo tempo, para a revisão vigorosa da composição e provas finais. Objetivando cativar e conquistar um número cada vez mais amplo de leitores, contrata artistas para “substituir as monótonas capas tipográficas pelas capas desenhadas”, tornando seu produto mais atraente aos olhos do consumidor. “Os balcões das livrarias encheram-se de livros com capas berrantes, vivamente coloridas, em contraste com a monotonia das eternas capas amarelas das brochuras francesas” (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997, p. 131).

Transforma a Monteiro Lobato & Cia em uma sociedade em comandita simples⁴ em dezembro de 1922. Ele próprio entra com uma cota de 450 contos de réis e Octalles com 120 contos e admite “nove novos sócios comanditários, entre eles: Martinho Prado, José Carlos de Macedo Soares, Paulo Prado, Alberto Seabra e Alfredo Machado, cada um com cinquenta contos, e Heitor de Moraes, cunhado de Lobato, com quarenta contos” (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997, p. 134). Lobato fica com a direção literária e a gerência fica nas mãos de Octalles Marcondes Ferreira.

A editora muda-se, em abril de 1924, para um edifício na Rua Brigadeiro Machado, no Brás, que conta com cinco mil metros quadrados. É o mais moderno parque gráfico da época, mas a empresa está com a situação instável e endividada por conta dos empréstimos tomados junto a bancos.

Dotado de tecnologia de ponta, esse complexo gráfico – que incluía cerca de uma dezena de linotipos para composição em geral, três monotipos, além de equipamentos para costura, encadernação e acabamento, onde chegaram a trabalhar cerca de duzentos operários – entrava agora em processo de expansão. Aguardava máquinas da Europa e dos Estados Unidos, importadas para atender à crescente demanda por serviços que iam de livros a impressos os mais diversos (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997, p. 137).

Um conjunto de fatores convergiu para impedir o funcionamento normal da editora: a revolução dos tenentes em São Paulo paralisou as atividades por dois meses, depois uma grave seca que só permitia que as máquinas funcionassem dois dias na semana e as duas medidas tomadas pelo então Presidente Artur Bernandes – a desvalorização da moeda e a suspensão do redesconto de títulos pelo Banco do Brasil – fizeram com que seus negócios entrassem em colapso. Lobato se precipita e entra com o pedido de falência em 24 de julho de 1925.

⁴ A Sociedade em Comandita Simples é a caracterizada pela existência de dois tipos de sócios: os sócios comanditários e os comanditados. Os sócios comanditários têm responsabilidade limitada em relação às obrigações contraídas pela sociedade empresária, respondendo apenas pela integralização das quotas subscritas.

Com seu espírito irrequieto e bem ao seu estilo, logo em seguida, abre em sociedade com Octalles Marcondes a *Companhia Editora Nacional* e transfere-se para o Rio de Janeiro, continuando a escrever e a fazer traduções. Na nova empreitada, deixou de lado a produção gráfica, mas continuou com a atividade editorial. A dedicação à literatura para os infantes, com a *excentricidade* de suas personagens, fez de sua produção infantil um grande sucesso, em especial a obra *Reinações de Narizinho* e as personagens Dona Benta, Narizinho, Tia Nastácia, Pedrinho, Emília, a boneca de pano e o Visconde de Sabugosa, o boneco de sabugo de milho.

Um fato a merecer destaque é sobre sua reação à exposição da pintora Anita Mafalhti, que fomentou o surgimento do movimento que culminaria na *Semana da Arte Moderna* de 1922. Lobato publica, em 20 de dezembro de 1917, no jornal o *Estado de São Paulo* uma crítica ao estilo da artista, apesar de reconhecer o seu talento, faz a denúncia da influência europeia permeada de “ismos”: cubismo, futurismo, dadaísmo, surrealismo, o que ele chamou de “colonialismos” e “europeizações”. Sua posição era a favor de uma arte brasileira, que valorizasse os aspectos regionais e a defesa de uma arquitetura, literatura, escultura e pintura genuinamente brasileiras.

Houve uma forte rejeição a Monteiro Lobato em decorrência dessa crítica e cristalizando um preconceito em relação ao escritor, sendo-lhe negado um lugar na história do modernismo. De acordo com Alborghetti:

Esse escrito serviu de estopim para o intransponível distanciamento entre ele e alguns dos mais representativos integrantes daquele movimento. O que causa espanto é o fato de ser esse artigo, muitas vezes, o único contato possibilitado ao aluno com a multifacetada obra do autor, considerada sua extensão, variedade e riqueza, porque, de acordo com Vasda Bonafi Landers (1988, p. 30), Monteiro Lobato, no seu trabalho independente, “chegaria a ser o autor mais publicado e mais vendido do país – antes, durante e depois do Modernismo” (ALBORGHETTI, 2008, p. 39).

Evidencia a autora que, a despeito do seu papel precursor no Modernismo, foi-lhe negado esse reconhecimento, bem como o da sua contribuição renovadora na literatura brasileira, que possuía um caráter essencialmente de valorização nacional em sintonia com as perspectivas do movimento modernista. E destaca, ainda, o estranhamento da intelectualidade vanguardista com a obra lobatiana, tendo em vista que, quando se deu a Semana Moderna, em 1922, a obra de Lobato já era considerável, tendo já publicado *Urupês*, *Cidades Mortas*, *Problema Vital*, *Idéias de Jeca Tatu* e a obra para crianças, *Narizinho*.

Ruth Rocha (apud ALBORGHETTI, 2008, p. 37), informa que Lobato foi nomeado Adido Comercial do Brasil nos Estados Unidos, onde permaneceu no período de 1927 a 1931, oportunidade em que conheceu Anísio Teixeira e iniciou com ele uma sólida amizade. Em paralelo à atuação como empresário, empenhou-se na defesa de um nacionalismo consciente e no combate ao ufanismo desmedido.

Buscou formas de promover o progresso no país e em decorrência do período em que morou nos Estados Unidos da América, ficou impressionado com o nível de desenvolvimento econômico daquele país e começou a vislumbrar a possibilidade de extração de ferro e do petróleo no Brasil. Em vista dessa perspectiva, enviou ao Presidente Getúlio Vargas sugestões de ações para modernizar o país, além de fazer denúncias de manobras contra os interesses nacionais. Interpretado “às avessas”, foi considerado antinacionalista, por uns, de entusiasta do capitalismo por outros e até de comunista. Acusado de injúria contra o Presidente da República Getúlio Vargas, chegou a ser preso em março de 1941 por três meses.

O período compreendido entre 1941 a 1945 foi o mais difícil da sua vida. Com 60 anos é abalado pela a morte do filho Edgard, já tinha perdido antes o filho Guilherme. Desiste de vez do sonho com a produção do petróleo, e voltou-se para suas produções literárias, preparando a edição das Obras Completas.

Monteiro Lobato sofreu dois espasmos vasculares cerebrais em 21 de abril de 1948, felizmente, sem sequelas graves. Recuperou-se dos comprometimentos em relação à sua capacidade para a leitura e a escrita, gradativamente, e retomou o contato com os amigos e ao trabalho assiduamente. Para o seu amigo Rangel, confessa:

Não é impunemente que chegamos aos 66 anos de idade. O que eu tive foi uma demonstração convincente de que estou próximo do fim – foi um aviso – um preparativo. É de agora em diante o que tenho a fazer é arrumar a quitanda para a “grande viagem”. (LOBATO apud AZEVEDO; CAMARGOS, SACCHETTA, 1997, p. 351).

Eis que a viagem chegou, e ele se foi em 4 de julho de 1948, um novo espasmo fulminante levou-o para a sua “grande viagem”, mas essa viagem não o levou de seus leitores, daqueles que gostam de *viajar* nas suas histórias.

2.1 A Literatura, a criança e a escola

Uma das complicações iniciais é saber-se o que há, de criança, no adulto, para poder *comunicar-se com a infância*, e o que há de adulto, na criança, para poder aceitar o que os adultos lhe oferecem. Saber-se, também, se os adultos sempre têm razão, se, às vezes, não estão servindo a preconceitos, mais que à

moral; se não há uma rotina, até na Pedagogia; se a criança não é mais arguta e sobretudo mais poética do que geralmente se imagina (MEIRELES, 1979, p. 27. Grifo nosso).

Utilizamos a citação para ponderar um pouco a respeito se somos capazes de determinar sobre o que é de interesse e o que é necessidade das crianças, e abordamos aqui dois componentes que se interconectam: a brincadeira e a literatura.

Há muito pouco da criança no adulto quando se trata de determinar suas necessidades e interesses, embora a Pedagogia queira tomar isso ao pé da letra, particularmente, os que se dizem *inovadores*. Defendem que a criança deva ser atendida em suas necessidades e interesses, porém, a Pedagogia tende a generalizar os interesses e necessidades pelo princípio da satisfação. Por exemplo, entendem que a brincadeira é *a priori* uma atividade que agrada a criança. No entanto, pondera Vigotski (2008), existem brincadeiras na idade escolar que não proporcionam a satisfação quando o resultado revela-se desfavorável a elas, por exemplo, aquelas brincadeiras cujo resultado está relacionado a premiações.

O autor explica que o problema das teorias sobre a brincadeira é a sua intelectualização. Não consideram como nelas as necessidades das crianças se realizam, os impulsos afetivos para a sua atividade. Para o educador soviético, falta aos teóricos da infância entender as necessidades da criança num sentido mais amplo, começando pelos impulsos e finalizando com o interesse como uma necessidade de caráter intelectual. Não consideram dois aspectos fundamentais que determinam as necessidades e as inclinações das crianças: os impulsos e os desejos. É claro que não há como negar que na brincadeira a criança satisfaz certas necessidades e seus impulsos e que ela é uma atividade principal na idade escolar.

Porém, sem tomar em consideração a peculiaridade desses impulsos, não percebemos que a brincadeira seja um tipo específico de atividade. Eis o que diz o pesquisador:

Na idade pré-escolar, surgem necessidades específicas e impulsos específicos que são muito importantes para o desenvolvimento da criança e que conduzem diretamente à brincadeira. Isso ocorre porque, na criança dessa idade, emerge uma série de tendências irrealizáveis, depois não-realizáveis imediatamente. [...]. Parece-me que, se na idade pré-escolar não houvesse o amadurecimento das necessidades não realizáveis imediatamente, então não existiria a brincadeira. Estudos demonstram que a brincadeira não se desenvolve apenas quando o desenvolvimento intelectual das crianças é insatisfatório, mas também quando o é na esfera afetiva (VIGOTSKI, 2008, p. 25).

Vê-se que, para o soviético, é na idade pré-escolar, após a primeira infância, que surge a brincadeira. Mas não é uma brincadeira qualquer: é o faz-de-conta. Na brincadeira a criança

cria uma situação imaginária. Nesse sentido, a literatura infantil se aproxima da brincadeira por dois aspectos. Primeiro porque ambos envolvem a fantasia, a imaginação e, segundo, porque também na literatura o adulto pensa qual é a literatura infantil.

Existe uma discussão com vista a determinar no domínio da literatura que se deve considerar no âmbito infantil, se:

Uma simples questão de estilo poderia, a princípio, parecer suficiente para a caracterização dos livros infantis. Seriam livros simples, fáceis, ao alcance da criança... Como se o mundo secreto da infância, fosse na verdade, tão, fácil, tão simples...

Mas um estilo a que corresponda também certo conteúdo... Fatos ao alcance da criança, e dos quase decorram consequências ou ensinamentos que o adulto julga interessantes para ela (MEIRELES, 1979, p. 27).

Para essa autora o mais acertado para saber se um livro agrada ou não o público infantil, não é classificá-lo e julgá-lo pelo olhar adulto, mas sim submetê-lo à própria criança, por ser a destinatária e diretamente interessada por essa leitura, será ela quem vai poder manifestar sua preferência e se lhe satisfaz ou não. Ressalta Meireles (1979, p. 28) que a criança precisa viver a influência do livro e fique “carregando para sempre, através da vida, essa paisagem, essa música, esse descobrimento, essa comunicação (...)”, pois somente nesses termos que se pode falar em Literatura Infantil.

Souza (2010), reflete a respeito da controvérsia que existe entre professores, pesquisadores e escritores se de fato existe uma literatura infantil. A esse respeito destaca que foi a burguesia que segmentou a literatura retirando-a de um corpo mais amplo e dando-lhe a designação de infantil. E a autora questiona:

Que a literatura existe é um fato indiscutível, o que quer dizer *literatura infantil*? Narrativas sobre crianças, ou escritas por crianças, ou, ainda destinadas a elas? Histórias que as agradam? Não seria o momento de passar a questão a limpo? Ou de pelo menos provocar mais controvérsias? Afinal, as crianças estão na sociedade, na escola, em casa, à mercê de livros que nem sempre primam pela qualidade. E o adjetivo *infantil*, na literatura tem sido utilizado para qualificar qualquer escrita que se pretenda voltada para crianças, tenha ela ou não qualidade necessária para receber o estatuto de literatura, o qual envolve valor estético, histórico e pedagógico (SOUZA, 2010, p. 11).

Especialmente para a educação infantil esse é um questionamento pertinente porque delimita uma reflexão acerca da forma como a escola se apropria dos livros infantis com a finalidade não só de proporcionar o domínio da leitura e da escrita, como também para

introduzir as crianças nesse universo muitas vezes mágico, misterioso, povoado de fantasias e aventuras que levam o leitor a lugares novos e desconhecidos e a despertar emoções e sentimentos.

Convém uma reflexão sobre a leitura e a literatura e para tanto recorreremos à Souza:

Literatura é, antes de tudo, engenharia de palavras. É por meio da palavra oral ou escrita que ela se realiza. Seu campo é vasto. Ela nasce da necessidade de os homens, desde as origens, registrarem e compartilharem suas experiências, fantasias e, mais do que isso, valores e ensinamentos, transmitindo-os para as gerações vindouras. Desse modo, a literatura existiu antes mesmo da invenção dos códigos escritos, quando os homens só possuíam o recurso da oralidade para estabelecer comunicação e intercâmbio uns com os outros. É portanto, com a palavra oral, antes da escrita, que a literatura ganha corpo e se realiza (SOUZA, 2010, p. 9).

A autora conceitua literatura como engenharia de palavras, que vai sendo construída e se constituindo por meio da palavra oral ou escrita e utilizando-a como matéria-prima. Ainda conforme Souza (2010, p. 9) essa literatura oral colheu e narrou os acontecimentos de forma fantasiosa e foi adquirindo formatos diferenciados para contar suas lendas, suas histórias e para transmitir sua moral e experiências de boca em boca. Aqui encontramos formas distintas de relatos orais como as fábulas, lendas, canções de gesta, rapsódias, adivinhações e provérbios. Surge da necessidade dos homens compartilharem suas histórias, seus anseios, seus valores e ensinamentos às gerações subsequentes.

Inicialmente de uso utilitário, a essa literatura primitiva se acrescenta depois o valor estético e é por meio de “narradores anônimos que com a disciplina da sua boa memória e da sua palavra salvaram do esquecimento uma boa parte da educação da humanidade” (MEIRELES, 1979, p. 41). As narrativas orais mantêm até hoje o seu encanto e dela se servem a mãe quando acalenta seu filho, durante as falas dos jogos, nas parlendas e nas cantigas, nas adivinhas que as crianças utilizam para se entreterem entre si e ainda os contadores de histórias para crianças, que buscam trazer o encanto das histórias, de fábulas e lendas antes mesmo das crianças terem o domínio da leitura e da escrita.

Segundo Meireles (1979), o gosto de contar e de ouvir são idênticos e são os narradores os antepassados anônimos dos escritores. Era o convívio humano que permitia a transmissão de conhecimentos e de valores que iriam repercutir na formação da criança. Com o surgimento do livro, o que se aprendia ouvindo, passa-se a aprender pela leitura. É a palavra, portanto, a portadora da comunicação essencial que se estabelece entre os homens e permite transmitir noções do mundo e das formas de solucionar os problemas.

Em relação ao papel da literatura cabe uma reflexão. Encontramos nas análises de Souza (2010) a subordinação da literatura, desde o início, à condição de mercadoria. Para Souza (2010, p. 23), “é exatamente no século XIX, em pleno apogeu da era industrial, que o livro infantil ganha força como mercadoria imprescindível para a ampliação do mercado mundial”. Dessa forma, a articulação entre a literatura e a escola se ampara na preparação da criança para consumir obras impressas e esse fato coloca a literatura tanto como intermediária entre a criança e a sociedade, como adepta da escola e sendo a responsável por viabilizar sua própria circulação, conforme podemos observar:

O quadro exposto sugere que caminham em retas paralelas o mercado e a escola. O mercado, produzindo a sedutora mercadoria – o livro infantil – destinada às crianças de famílias com maior poder aquisitivo, já que os recursos que seduzem o pequeno leitor, estimulando a compra, encarecem a obra. A escola, estimulando a leitura rápida de conteúdo aligeirado com o intuito de ajustar as massas ao pragmatismo da sociedade, por meio de manuais didáticos ou, quando muito, de antologias ou traduções livres, nas quais o texto literário é adaptado para fins escolares (SOUZA, 2010, p. 29).

Assim, o que se encontra na origem das versões modernas das histórias medievais é o mercado e não a escola, pois ainda conforme a autora, não existe registro de uso pela escola dessa literatura. A preocupação da escola é a do aligeiramento da formação, “preocupada em inculcar nos alunos, por meio de historinhas sem sabor, a moralidade burguesa”, afirma Souza (2010, p. 29).

Ressaltamos que o instrumento por excelência adotado pela escola, desde o início para disseminar a leitura vem a ser o manual didático⁵, em razão do caráter técnico e instrumental da leitura reivindicada como útil ao desenvolvimento da sociedade burguesa. A esse respeito é importante frisar que desde a instituição da escola moderna Comênio recomendou que os livros por excelência seriam os livros didáticos de dois gêneros: “verdadeiros *livros de textos* para os alunos, e *livros-roteiros (informatorii)* para os professores, para que aprendam a servir-se bem deles” (COMÊNIO, 1957, p. 460. Grifo nosso). Conforme Fernandes (2014, p. 53), Comênio materializa esses livros “como instrumento de trabalho do professor contendo vários assuntos, inclusive os destinados à leitura, e convertendo-se em conteúdos escolares fundamentais com o desenvolvimento da escola de massa”. Comênio recomendava que o ensino partisse de coisas úteis e seguisse um método de ensino sem fadiga e com economia de tempo. Nesse sentido,

⁵ Conforme Alves “O manual didático surgiu com a pretensão de consubstanciar uma síntese dos conhecimentos humanos sob uma forma mais adequada ao desenvolvimento e à assimilação da criança e do jovem. ALVES, Gilberto. A Produção da Escola Pública Contemporânea, p. 86, 2001.

prescreve o uso de manuais específicos para o ensino da língua escrita, sendo as cartilhas ilustradas o instrumento comum para o aprendizado da leitura, já que o ponto de partida para o aprendizado para ele são os sentidos.

Como indica Fernandes (2014), Comênio conferia na organização didática exclusividade aos livros didáticos. Eis o que diz o pedagogo: “Efetivamente, quanto menos os outros livros ocuparem os olhos, tanto mais os livros de texto ocuparão a mente” (COMÊNIO, 1957, p. 288). É importante frisar que a proposta de Comênio expressa o caráter prático e utilitário característico da nova ordem social que se instaurava com a sociedade burguesa.

Ilustramos essa perspectiva pragmática nas suas palavras: “Aprenda-se a fazer fazendo” (COMÊNIO, 1957, p. 320). Ainda segundo Fernandes (2014) “o conceito utilitarista no ensino da língua, característica que se tem notado na escola, assinala a ausência da literatura como atividade essencial”, desde a educação infantil.

Nesse sentido, ressaltamos, faz-se necessário entender a historicidade do trabalho didático para que se possa restabelecer a prática didática na escola contemporânea, lembrando:

[...] o modo como foi organizado o trabalho didático na escola moderna, expressa um momento histórico específico, adequado à condição material e aos interesses e necessidades de produção da vida social. E, nesse sentido, a sua construção foi forjada no cerne de um movimento de lutas, encetado desde Martinho Lutero, encampado por intelectuais e pedagogos como Ratke e Comênio que procuraram superar o modo de pensar e de ensinar, instituídos nas escolas feudais (FERNANDES, 2014, p. 59).

A partir desse entendimento, consideramos que esse restabelecimento implica em retomar a atividade de leitura, sendo a literatura dos clássicos o início para se desenhar novos caminhos didáticos e abrir às crianças os horizontes à sua imaginação, à sua capacidade criadora, à formação de leitores e de consciência crítica, palavra de ordem nas propostas pedagógicas, mas que por conta da pobreza dos conteúdos do instrumento que tem hegemonia na escola, esses objetivos ficam apenas nas linhas dos projetos que se intitulam *inovadores*.

Como abordamos no início deste capítulo, aos teóricos da infância falta entender as necessidades da criança num sentido mais amplo. O educador no ímpeto de atender aos interesses das crianças, não consideram seus impulsos e desejos, mas por seus próprios impulsos pensam que a brincadeira, por excelência, expressa a satisfação a todas as crianças. A brincadeira é sim uma atividade que dá vida as ações das crianças, mas como pontuamos, não é uma brincadeira qualquer, mas é a brincadeira do faz-de-conta. Nela a criança cria

situações imaginárias, realiza desejos irrealizáveis, eis a aproximação da criança com a literatura infantil, a fantasia, a imaginação, a criação, nas palavras de Cecília Meireles:

[...] o maravilhoso consiste em tornar possíveis as coisas desejadas e que por este ou aquele motivo, são inacessíveis ou difíceis. Quando o herói não vence as situações pela prática da Virtude e do Bem, aparecem os objetos mágicos, as fórmulas encantatórias, os animais reconhecidos, as fadas e os benfeitores. O sonho vem, afinal pousar, prisioneiro, na ponta da varinha de condão (Meireles, 1979, p. 83).

Tendo em vista que a literatura e a escola devam ser inseparáveis, propomos neste estudo analisar a obra *Reinações de Narizinho*, um clássico da Literatura Infantil, de autoria de Monteiro Lobato. Considerando a publicação do livro em 1931, procuramos apreender se a história guarda aproximações com os princípios que delinearam a Escola Nova, mas também, evidenciar os elementos que encantam, que despertam a fantasia e a imaginação, essenciais ao desenvolvimento intelectual dos infantes.

CAPÍTULO III

3 REINAÇÕES DE NARIZINHO (1931) E OS FUNDAMENTOS DA ESCOLA NOVA

Considerado um clássico e um marco na história da literatura infantil brasileira, o livro *Reinações de Narizinho* deu início à série do Sítio do Picapau Amarelo. A primeira versão da obra foi publicada em 21 de dezembro de 1920 com o título de *A menina do Narizinho Arrebitado – livro de figuras por Monteiro Lobato com desenhos de Voltolino* –, lançada pela Revista do Brasil Monteiro Lobato e & - São Paulo.

No ano seguinte, Lobato publica pela mesma editora uma segunda edição com o título *Narizinho Arrebitado*, constituindo-se um segundo livro de leitura para uso nas escolas (SOUZA, 2017, p. 22). No auge do movimento da Escola Nova no Brasil, em 1931, lança a versão que perdura até os dias atuais, *Reinações de Narizinho*, obra que será apresentada neste capítulo.

Conforme assinalamos, nosso objetivo consiste em verificar se, e em quais aspectos, os princípios da Escola Nova se revelam na mesma e captar os elementos que promovem a atividade na idade escolar: a imaginação, a criação, a realização de desejos e, por fim, evidenciar que a literatura deve ser na escola o instrumento privilegiado no trabalho didático.

A inspiração para escrever *Reinações* surgiu em 1920 quando Lobato, durante uma partida de xadrez com Toledo Malta, ouviu deste a história de um peixinho que desaprendera a nadar e morrera afogado ao sair do mar. Lobato conta que perdeu o jogo porque ficara com a história do peixinho nadando na sua cabeça e escreve a *História do peixinho que morreu afogado*. Esse conto provavelmente é o impulso que faltava ao escritor para realizar um velho plano: o de escrever para crianças. Já tinha compartilhado com seu amigo Godofredo Rangel que os livros que encontrava para os filhos não eram bons e não gostava da linguagem utilizada. Achava-os sem atrativo algum, as fábulas e lendas continham a linguagem de Portugal, o que causava um desconforto pelo uso de expressões que não estavam adaptadas ao contexto brasileiro, o que mais afastava os pequenos leitores do que os atraíam para o mundo da leitura. Esse aspecto a que se refere Lobato, a “falta de atrativo” dos livros infantis, pode ser ilustrado com o fragmento de texto de um autor desconhecido, publicado na Revista do Brasil em 1921, citado por Bertolucci:

A nossa literatura infantil tem sido, com poucas exceções, *pobríssima de arte, e cheia de artifício, - fria, desengraçada, pretensiosa*. Ler algumas páginas de certos “livros de leitura”, equivale, para rapazinhos espertos, a *uma vacina preventiva contra os livros futuros. Esvai-se o desejo de procurar emoções em letra de forma; contrai-se o horror do impresso...* Felizmente, esboça-se

uma reação salutar. Puros homens de letras voltam-se para o gênero, tão nobre, porventura mais nobre do que qualquer outro. Entre esses figura Monteiro Lobato, que publicou em lindo álbum ilustrado o conto da “Menina do narizinho arrebitado”, e agora o vai ampliando de novos episódios [...] (BERTOLUCCI, 2005 p. 82. Grifos nosso).

Nessa passagem, percebe-se a importância de Lobato na literatura infantil. O autor desconhecido deixa claro que *A menina do Narizinho Arrebitado* viria “curar” a literatura infantil daquela *falta de atratividade, de graça e frieza* dos livros cheios de artifícios que funcionavam como um antídoto à leitura.

Conforme Bertolucci (2005), na composição de *Reinações de Narizinho* (1931), Lobato rebatiza as aventuras de *Narizinho Arrebitado*, o livro de 1921, e o seu conteúdo vai integrar o segundo capítulo com o título *O Sítio do Picapau Amarelo*. Assim, o rearranjo de *Reinações de Narizinho* é composto de várias histórias curtas, sendo organizado em onze capítulos, a saber: *Narizinho Arrebitado*, *O Sítio do Picapau Amarelo*, *O Marquês de Rabicó*, *O casamento de Narizinho*, *Aventuras do Príncipe*, *O Gato Félix*, *Cara de coruja*, *O irmão de Pinóquio*, *O circo de cavalinhos*, *Pena de papagaio* e *O pó de pirlimpimpim*.

A história se passa no Sítio do Picapau Amarelo, local onde moram Lúcia, a menina do narizinho arrebitado e conhecida como Narizinho, sua avó Dona Benta, a dona do sítio e Tia Nastácia, cozinheira de mão cheia e descrita por Lobato como a “negra de estimação”. É nas palavras do próprio escritor que encontramos o entusiasmo e a explicação da unificação e aumento das histórias que compuseram *Reinações de Narizinho*:

Tenho em composição um livro absolutamente original, *Reinações de Narizinho* – consolidação num volume grande dessas aventuras que tenho publicado por partes, com melhorias, aumentos e unificações num todo harmônico. Trezentas páginas em corpo 10 – livro para ler, não para ver, como esses de papel grosso e mais desenhos do que texto. Estou gostando tanto, que brigarei com quem não gostar. Estupendo, Rangel! (LOBATO, 1931 apud BERTOLUCCI, 2005, p. 12).

Portanto, aos poucos Lobato vai aprimorando a sua escrita e realiza várias alterações na obra, finalizada em 1931, com o título *Reinações de Narizinho*. Bertolucci (2005) destaca que Lobato se refere ao lançamento dessa obra como sendo original, a despeito de ser a reunião de histórias já lançadas anteriormente, pelo fato de ter efetivado transformações importantes nas mesmas e também porque:

As histórias lançadas anteriormente passam por profundas transformações e, nesse processo de aperfeiçoamento constante que imprime à própria obra, o escritor vai encontrando a forma mais adequada para dar conta das situações que quer comunicar, tornando sua escrita realmente artística. *Reinações* é

original porque marca tal aprimoramento e Lobato tem plena consciência disso (BERTOLUCCI, 2005, p. 79).

A respeito da originalidade da obra, Bertolucci (2005) faz menção ao comentário de Breno Ferraz, que utiliza a mesma expressão no artigo publicado na *Revista do Brasil* em 1921, quando avalia a reedição da história de Narizinho, no livro *Narizinho Arrebitado*, agora reformulada e expandida.

Publicou-se um livro escolar absolutamente original, em completo, inteiro desacordo com todas as nossas “tradições” didáticas. Em vez de afugentar o leitor, prende-o. Em vez de ser a tarefa, que a criança decifra por necessidade, é a leitura agradável, que lhe dá a mostra do que podem os livros. (...) Com o seu aparecimento, marca-se a época em que a educação passará a ser uma realidade nas escolas paulistas. De fato, a historieta fantasiada por Monteiro Lobato, falando à imaginação, interessando e comovendo o pequeno leitor, faz o que não fazem as mais sábias lições morais e instrutivas: - desenvolve-lhe a personalidade, libertando-a e animando-a para cabal eclosão, fim natural da escola. Nesses moldes há uma grande biblioteca a constituir-se (BERTOLUCCI, 2005, p. 79).

O comentário ilustra a boa aceitação da história *Narizinho Arrebitado* pelo crítico por possuir vínculos tênues com a literatura escolar e nas palavras de Bertolucci (2005, p. 80): “(...) o livro de Lobato propicia o ato prazeroso de ler, pois apela à fantasia, à imaginação, e, por isso, torna-se interessante para o leitor-criança e até comove”.

Outra análise pertinente, feita por Bertolucci (2005) sobre a originalidade da história de *Reinações de Narizinho*, é o fato de Lobato proceder a adaptações de histórias clássicas, mas as personagens vão viver aventuras de forma diversas daquelas experimentadas em suas fontes originais. É o que se observa quando o autor explica a Rangel o seu método para compor o volume *Fábulas*: “Tomei de La Fontaine o enredo e vesti-o a minha moda, ao sabor do meu capricho, crente como sou de que o capricho é o melhor dos figurinos. A mim me parecem boas e bem ajustadas ao fim...” (LOBATO, 1919, p. 193 apud BERTOLUCCI, 2005, p. 87). A suposição é a de que, quando o autor se refere à composição de um livro “absolutamente original”, esteja fazendo referência à composição de personagens criados por ele.

Cilza Bignotto (2007) analisa as modificações feitas por Lobato em sua escrita e sinaliza o processo de transformação realizado pelo escritor para obter uma escrita que superasse o formato até então corrente na literatura infantil. As mudanças ocorrem com o próprio nome da *Menina do Nariz Arrebitado*, que antes de Lúcia foi “Nenê”. Segundo Bignotto (2008), existe um caderno do escritor, importante referência para que possamos apreender o percurso de Lobato na escrita de sua obra. Nesse caderno, Lobato registrou suas primeiras anotações sobre

a personagem, que ele chamou de “começo de Narizinho”. Para ilustrar, reproduzimos um trecho que mostra Lúcia sendo chamada de Nenê:

Lá repartiram o peixe; e enquanto Joãozinho fazia ele mesmo uma fritada, Nenê pôs os seus numa bacia d’água e ficou muito atenta a observar os pobrezinhos. Como estivesse muito calor, Nenê cochilou. E estava dorme-não-dorme, quando vê sair da bacia o camarão grande, com coroa de rei na cabeça, um manto de cauda e um cetro de outro na mão. Atrás dele, segurando a cauda do manto, vinham dois “cascudos”. Mais atrás, todos os guarus, montados a cavalo em baratões-d’água. Formavam um cortejo. Nenê não teve medo nenhum. Olhou para si e viu que ela também estava virada numa linda camaroa, e que todas as pessoas de sua casa também eram camarões. O rei Camarão aproximou-se com muita cerimônia e, chegando perto dela, tirou a coroa e disse:
- Ilustríssima, Excelentíssima Senhora Princesa do Ribeirão! Eu sou o rei da Camarônia, me chamo Dom Cascudo I, e venho pedir a princesa em casamento (LOBATO, s/d apud BIGNOTTO, 2007, p. 12).

Em 1946, Lobato presenteou sua amiga Marina Procópio de Carvalho com este caderno. Portanto, vê-se aqui a transformação ocorrida com o nome de Nenê que se torna Narizinho e o rei da Caramônia que passa a ser o Príncipe Escamado, tanto na obra *A menina do Narizinho Arrebitado* como em *Reinações de Narizinho*. Estima-se que o autor tenha reescrito partes do livro até 1946, ano que organizou suas *Obras Completas*.

Em relação às transformações realizadas pelo autor com *Reinações de Narizinho*, Souza (2017, p.35) evidencia que Lobato modifica a estrutura narrativa e situa o Sítio do Picapau Amarelo “em um espaço do real fictício e carregado de verossimilhanças”. Nesse espaço a fantasia e a realidade irão se constituir em uma unidade. Outro ponto importante é a fusão do maravilhoso com situações cotidianas, que vão acontecer no espaço do Sítio. A mudança no nome da primeira versão, *A menina do Narizinho Arrebitado*, que evidencia uma característica da personagem, transfere o foco para “reinações”, que sugere o lúdico, as brincadeiras e a infância.

Será esse o espaço no qual a fantasia e a realidade constituirão uma unidade. No qual as ações entre o “Era uma vez...” e o “Foram felizes para sempre” acontecem. Onde sonhar e viver fazem parte do mesmo processo. Onde o entrar e o sair da fantasia se obtém por meio de elementos do maravilhoso, os poderes do pó de pirlimpimpim, ou um simples fechar e abrir de olhos (SOUZA, 2017, p. 36).

Nesse sentido, o autor coloca a criança em destaque e o conhecimento se realiza por meio do estímulo à sensibilidade e pela vivência infantil. As crianças são estimuladas a viverem suas aventuras, a terem iniciativas, o que vai contribuir para que desenvolvam atitudes futuras para que sejam indivíduos atuantes, com iniciativa própria, plenas, realizadas, felizes e capazes de

construir seus próprios destinos, o que coincide com os pressupostos da Escola Nova. As personagens, como evidenciou Souza (2010), são desenvolvidas pelo grupo e respiram positivamente. É o caso de Dona Benta que se apresenta como a mais feliz das avós e detém o saber erudito, a mestra que conta histórias e que lê, mas com ações pautadas sempre no interesse das crianças.

Em relação à boneca Emília, personagem de destaque e legítima representante das características apregoadas pela Escola Nova, de acordo com a autora:

[...] uma voz retumbante, uma crítica audaciosa e honesta, iniciativa e apresentação de soluções ousadas e corajosa, para os problemas. Entusiasmada com tudo o que fosse novo e diferente, apresentava, não obstante, a ingenuidade e inocência própria das crianças (SOUZA, 2010, p. 36).

A personagem da boneca é aceita como uma pessoa pelo leitor criança e certamente isso ocorre pela maneira como Lobato estruturou sua obra de ficção (BERTOLUCCI, 2007, p. 174), que fez uso desse artifício para que não se perceba a diferença dela em relação às demais personagens humanas: “Na casa ainda existem *duas pessoas* – *Tia Nastácia*, negra de estimação que carregou Lúcia em pequena, e *Emília* ...” (LOBATO, 2014, p. 11. Grifo nosso). Com esse recurso, o autor consegue realizar a fusão do concreto com o maravilhoso e por isso a personagem Emília funciona e convence o leitor.

Em relação à Tia Nastácia, o autor utiliza-se dela como forma para aproximar os ensinamentos do que de mais genuíno existe na cultura brasileira. É Souza (2017, p. 37) que nos auxilia informando que “Tia Nastácia é figura de proa, porque responde pelos saberes populares, folclóricos, tão caros a Lobato e aos modernistas das Letras”. Assim, é a personagem que remete à determinada cultura culinária ou mitos brasileiros.

A estratégia da utilização do sítio como local de aventuras e experiências o coloca em condições similares às pretendidas pela Escola Nova, pois de certa forma substitui o espaço formal e rígido da escola. As crianças – Narizinho e Pedrinho – inclusive a boneca Emília, se desenvolvem e aprendem de forma lúdica e espontânea. Têm acesso a livros da biblioteca de Dona Benta, com boa literatura clássica, que são lidas em momentos especiais, durante os serões. A linguagem utilizada é coloquial e de fácil entendimento, abasileiradas. Portanto, ainda recorrendo a Souza (2017), percebe-se que o Sítio se constitui na representação por excelência da pedagogia defendida pela corrente da Escola Nova.

3.1 Caracterização das personagens

Dona Benta, uma senhora de mais de sessenta anos, a dona do Sítio do Picapau Amarelo, é uma mulher culta, inteligente, competente, que adora ler, tem uma grande biblioteca, é avó de Narizinho e Pedrinho. Dona Benta adora contar histórias e “é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas - Lúcia, a menina do nariz arrebitado, ou Narizinho como todos dizem” (LOBATO, 2014, p. 11). Ela é quem dirige o sítio e mantém uma postura liberal e democrática, pois escuta a todos, aceita a imaginação criadora das crianças, acata opiniões divergentes e exerce uma autoridade cordial.

Percebe-se que, para Lobato, a personagem Dona Benta expressa as qualidades que um governante de um país deveria ter. Sua forma de interagir com as crianças reflete muito do pretendido pela teoria escolanovista em relação à postura dos professores, pois respeita os interesses dos netos, dá liberdade para se movimentarem livremente pelo espaço do Sítio e permite que inventem brincadeiras as mais mirabolantes. Ela representa, de acordo com SOUZA (2017, p. XX) “o professor experiente e maduro que representa os fins, as ideias e os valores sociais”. Dona Benta tem uma forma singular de ler as histórias, pois utiliza-se de recursos para torná-las mais interessantes. Ilustra-se, com um comentário de Lobato na condição de narrador no livro *Reinações de Narizinho*, quando explica:

A moda de Dona Benta ler era boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo do Onça ou só usados em Portugal, a boa velha ia traduzindo aquele português de defunto em língua do Brasil de hoje. Onde estava por exemplo, “lume”, lia “fogo”; onde estava “lareira” lia “varanda”. E sempre que dava com um “botou-o” ou “comeu-o”, lia “botou ele”, “comeu ele” – e ficava o dobro mais interessante. Como naquele dia os personagens eram da Itália, Dona Benta começou a arremedar a voz de um italiano galinheiro que às vezes aparecia pelo sítio em procura de frangos; e para Pinóquio inventou uma vozinha de taquara rachada que era direitinho como o boneco devia falar (LOBATO, 2016, p. 244).

Durante as sessões de leitura oportuniza a participação ativa dos seus ouvintes, atuando como “mediadora” e “animadora” nesses momentos, aspectos esses caros à proposta da Escola Nova na relação professor-aluno, sobretudo, na valorização das ideias das crianças.

Também mora no sítio a Tia Nastácia, uma “negra de estimação que carregou Lúcia em pequena” (LOBATO, 2014, p. 11), praticamente criou a menina. Cozinheira de mão cheia e é quem fez a boneca de pano Emília. Chama Dona Benta de “Sinhá”, fuma cachimbo de barro e cuida de todo o serviço da casa. Tia Nastácia já cozinhou até para São Jorge na lua e quem

comia seus bolinhos não queria nem sentir o cheiro de bolo de outras cozinheiras. É uma grande contadora de histórias e a turma do sítio adora ouvir seus “causos”, à noite, à beira do fogão. Representa a encarnação viva da sabedoria popular, é uma mulher simples e de coração bondoso. Vejamos um trecho do livro *Reinações* que tem o título Tia Nastácia e a Sardinha:

Que é? Que aconteceu, Tia Nastácia? – perguntou aflita.

A negra respondeu, enxugando as lágrimas:

- Nem queira saber, Narizinh! Antes vá-se em bora...

Como a menina insistisse, a negra não teve remédio – contou.

- Pois imagine que Miss Sardine, desde que o Príncipe chegou, se meteu aqui na cozinha todo o tempo, a coitada. Remexeu em tudo, provou o sal, o açúcar, e até caiu no pode de pimenta-do-reino. Eu salvei ela, dei um banhinho nela e pus ela ali no canto para secar. No começo, enquanto a pimenta estava ardendo, ficou muito sossegada. Mas depois que a ardidura passou, principiou a reinar outra vez. Eu estava sempre avisando: “Não mexa aí! Não chegue perto do fogo! Não seja tão reinadeira que de repente acontece qualquer coisa para mecê!”.

Mas era o mesmo que estar falando pra aquele pau de lenha ali. Fazia uma carinha de caçoada e continuava. Se não aconteceu desgraça foi porque meus “zoio” não saía de cima dela, vigiando. Mas de repente sinhá me chamou para ouvir uma história do Doutor Caramujo. Fui e deixei Miss Sardine sozinha...

- E o que aconteceu? – indagou Narizinho surpresa.

A negra continuou, depois de enxugar as lágrimas no aventel.

- Aconteceu o que eu tinha medo que acontecesse. A coitadinha, assim que saí, trepou no fogão para espiar a frigideira de gordura. Achou linda, com certeza, aquela água que pulava e chiava – e deu um pulo para dentro da frigideira, pensando que fosse uma pequena lagoa. Gordura fervendo, imagine!...

- Coitadinha! – berrou a menina horrorizada. – Que contas vamos dar ao Príncipe? Miss Sardine era a dama de mais importância lá no reino – a única que tinha entrada na corte. Onde está ela, Nastácia?

- Está ainda na frigideira – respondeu a negra. – Frita! Frita que nem um lambari frito... (LOBATO, 2014, p. 175-176).

Lobato valoriza a posição de Tia Nastácia no núcleo básico das personagens do Sítio, pois conforme Souza (2017, p. 24) é ela que “Detém o domínio de uma culinária tipicamente brasileira, na nomenclatura, no sabor e no cheiro”. É por meio de Tia Nastácia que o autor dá voz a uma personagem que representa as feições do povo brasileiro.

Em relação à personagem Narizinho, Lobato a descreve como sendo uma menina que “tem sete anos, é morena como o jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos” (Idem, p. 11), além disso é meiga e também muito inteligente.

Menina de espírito vivo, curioso, alerta, afetuoso, puro de convenções, senso de observação e capacidade de reflexão acerca dos valores estabelecidos pelo *status* sócio-familiar. Seu espírito, aberto a todos os acontecimentos novos e insólitos, representa a potencialidade criadora do homem, isto é, aquela parte

do seu EU sempre aberta a inovações, desde que não seja abafada por repressão exterior (COELHO, 1975, p. 213).

É a protagonista do livro, sonhadora, muito esperta e curiosa: “ – Eu também acho sinhá. Essa menina é levada da breca”. (LOBATO, 2014, p. 48). As características de Narizinho e Pedrinho são destacadas por Lobato, o que permite uma criação de identidade com os leitores, e se constituem em atributos valorizados pela Escola Nova no desenvolvimento das crianças como: as atitudes de questionamento, iniciativa, pró-atividade, coragem e a capacidade de discernimento entre o certo e o errado. Vejamos esta passagem que mostra Narizinho defendendo a avó dos comentários da Dona Carochinha:

O coração de Narizinho bateu apressado.

- Mas a senhora conhece essa tal menina? – perguntou, tapando o nariz com medo de ser reconhecida.

- Não a conheço – respondeu a velha -, mas sei que mora numa casinha branca, em companhia de duas velhas corocas.

Ah, por que foi dizer aquilo? Ouvindo chamar Dona Benta de velha coroca, Narizinho perdeu as estribeira.

- Dobre a língua! – gritou vermelha de cólera. – Velha coroca é vosmecê, e tao implicante que ninguém mais quer saber das suas histórias emboloradas. A menina do narizinho arrebitado sou eu, mas fique sabendo que é mentira que eu haja desencaminhado o Pequeno Polegar, aconselhando-o a fugir. Nunca tive essa “bela ideia”, mas agora vou aconselhá-lo, a ele a a todos os mais, a fugirem dos seus livros bolorentos, sabe? (LOBATO, 2014, p. 22).

Podemos perceber que a menina não aceita que falem mal de sua avó e nem de Tia Nastácia, demonstrando sua capacidade de enfrentamento em situações nas quais percebe a injustiça. Em nenhum momento tem sua imaginação tolhida pela avó e pela cozinheira e demonstra segurança nas suas atitudes, coragem, alegria de viver, criatividade, empatia, solidariedade, iniciativa, capacidade de argumentação, amorosidade e respeito pelos mais velhos.

Pedrinho é filho de Tonica, neto de Dona Benta e primo de Narizinho. Está com dez anos de idade, estuda e mora na cidade e vem passar as férias no Sítio da avó. Tem orgulho da dureza do seu bíceps desenvolvido com a ginástica escolar (LOBATO, 2014, p 67). Mandou uma carta com recomendações para sua chegada ao Sítio:

Sigo para aí no dia 6. Mande à estação o cavalo pangaré e não se esqueça do chicotinho de cabo de prata que deixei pendurado atrás da porta do quarto de hóspedes. Narizinho sabe. Quero que Narizinho me espere na porteira do pasto, com a Emília no seu vestido novo e Rabicó de laço de fita na cauda. E Tia Nastácia que apronte um daqueles cafés com bolinhos de frigideira que só ela sabe fazer (LOBATO, 2014, p. 66).

É um menino corajoso e destemido, não tem medo de onça e nem de saci. Junto com a prima Narizinho planeja as mais mirabolantes aventuras pelo mundo das maravilhas. A pedido da prima fez o Visconde de Sabugosa para ser o pai do noivo no casamento arranjado de Emília. Era o responsável pela pintura de cores variadas do mastro de São João e quem trazia a bandeira com o retrato do santo menino. Junto com a prima planejava as aventuras pelo mundo das maravilhas e, apesar de morar na cidade, é no Sítio que Pedrinho encontra oportunidade de exercitar e pôr em prática toda a sua criatividade. Possui muitas das características pretendidas pelo escolanovismo no desenvolvimento das crianças, ou seja, é destemido, corajoso, inventivo, argumentativo, valoriza os conhecimentos científicos, questionador e tem inclusive uma certa rebeldia, que aflora em situações nas quais percebe, nas atitudes dos adultos (representada pela avó), uma relutância em lidar o inusitado.

Emília é a boneca de pano de Narizinho que foi feita a partir de bricolagem por Tia Nastácia com pano, retrós e macela. Lobato a apresenta como “uma boneca de pano bastante desajeitada de corpo. Emília foi feita por Tia Nastácia, com olhos de retrós preto e sombrancelha tão lá em cima que é ver uma bruxa” (Idem p. 12). Narizinho gosta muito da boneca e a carrega por todos os lados, não almoça e não janta sem tê-la por perto. À noite só se deita depois de colocá-la numa redinha entre dois pés de cadeira. A bonequinha era “muda de nascença” e “uma grande medrosa”. Começou a falar depois que tomou a pílula falante do Dr. Caramujo na visita ao Reino das Águas Claras e tão logo engoliu a pílula “a primeira coisa que disse foi: ‘Estou com um horrível gosto de sapo na boca!’. E falou mais de uma hora sem parar” (Ibidem, p. 38-39).

Legítima representante do que a Escola Nova apregoa: uma voz retumbante, uma crítica audaciosa e honesta, iniciativa e apresentação de soluções ousadas e corajosas, para os problemas. Entusiasmada com tudo o que fosse novo e diferente, apresentava, não obstante, a ingenuidade e inocência própria das crianças (SOUZA, 2017, p. 23).

Emília, a boneca falante do Sítio do Picapau Amarelo é a porta-voz de Lobato, é uma personagem libertária que desafia verdades, é irreverente, crítica e debocha de tudo.

Emília foi abrir. Era uma baratinha de mantilha – a célebre Dona Carocha...
 - Que é que a senhora deseja? – indagou Emília.
 - Boa tarde! – disse a velha, fingindo não reconhecer a boneca e sentando-se para descansar. – Sou dona Carocha, a que toma conta de todos esses personagens do mundo maravilhoso.
 - Já sei – observou a menina, de mãos na cintura e prevendo complicações. – Mas que é que a senhora quer?

- Vim buscar a lâmpada de Aladim, a vara de condão de Cinderela e as botas do Gato de Botas. Esses maluquinhos, com a pressa de voltar, esqueceram-se desses objetos.

Foi um desapontamento geral. Emília quis mentir, dizendo que não havia ali nem bota, nem vara, nem lâmpada nenhuma. Narizinho teve ímpetos de morder a velha. Pedrinho chegou a olhar para o bodoque. Mas Dona Benta estava na salinha próxima e Dona Benta fazia muita questão de que seus netos respeitassem os mais velhos. Por isso resignaram-se a entregar aquelas preciosidades.

- Pois leve – disse Narizinho, contendo-se a custo. – Mas fique sabendo que o que lhe vale é vovó estar ali na salinha. Ah, se não fosse isso..

Dona Carochinha nada disse. Foi tratando de pegar a vara, a lâmpada, as botas e até o espelho mágico que Banca de Neve dera à bonec. Em seguida raspou-se, ressabiadamente.

Mas antes que ela chegasse à porteira, Emília explodiu:

- Cara de coruja seca! Cara de Jacarepaguá cozinhada com morcego e misturada com farinha de bicho cabeludo – ahn!... – e botou-lhe uma língua tão comprida que Dona Carochinh foi arregaçando a saia e apressando o passo... (LOBATO, 2014, p. 240-241).

A boneca de pano possui atributos como ser irreverente, debochada, fala sem pensar, impetuosa, corajosa e atrevida. É preenchida por macela e consertada alguma vezes, pois todas as vezes que se assusta seus olhos, feitos de retrós, estouram e precisam ser refeitos.

O Visconde de Sabugosa foi criado por Pedrinho, a pedido de Narizinho, e feito de sabugo de milho a partir de bricolagem para ser pai do Marquês de Rabicó. Era viúvo e sua mãe, Dona Palha de Milho, morreu num “desastre” comido pela vaca mocha:

Pedrinho fez como Lúcia pediu. Arranjou um bom sabugo, ainda com umas palhinhas no pescoço que fingiam muito bem de barba, botou-lhe braços e pernas, fez cara com nariz, boca, olhos e tudo e não esqueceu de marcar-lhe a testa com um sinal de coroa de rei. Depois enterrou-lhe na cabeça uma cartolinha e lá foi com ele à casa da boneca (LOBATO, 2014, p. 78).

Ficou sábio depois de ser esquecido em meio aos livros, muito estudioso, ensina geografia e geologia e ajudou a descobrir petróleo nas terras do Sítio. Por conta da sua constituição física, tem muito medo de passar perto do galinheiro, é feito de escravo por Emília que não respeita sua sapiência, fidelidade e nobreza.

- Eis as provas! Este pelo eu o encontrei no galinheiro, bem no local do crime e ainda manchado com o sangue da vítima. E este outro a senhora Emília arrancou dessas fuças, seu miserável! Estão aqui as provas. Quem quiser pode vir examiná-las com o binóculo de Dona Benta. São perfeitamente iguais, até no cheiro. Ambas têm cheiro de gato ladrão!...

A prova era esmagadora. Tia Nastácia, passando a mão na vassoura, avançou feito uma onça para cima do falso Gato Félix. O gatuno deu um pulo e sumiu-se pela janela na escuridão da noite.

- Bravos! Bravos aos Visconde! – exclamaram todos. – Viva o nosso Sherlock Holmes!...

- Viva! Viva!...

E fizeram-lhe uma grande festa, e deram-lhe abraços e beijos. Até Emília, que era muito envergonhada, encheu-se de coragem e beijou-o na testa.

Dona Benta tomou a palavra e disse:

- Vejam que injustiça íamos cometendo com o nosso pobre Visconde, só porque havia embolorado e estava muito feio! Os acontecimentos desta noite acabam de provar que ele é um verdadeiro sábio – e dos que dão lucro a uma casa. Deste momento em diante, quem vai tomar conta dele sou eu. Vou curá-lo do bolor e botá-lo como administrador do sítio.

O relógio bateu as dez horas, e enquanto os meninos se recolhiam a velha pegou o Visconde e guardou-o bem guardadinho na sua estante, entalado entre uma Aritmética e uma Álgebra – fato que iria ter notáveis consequências futuras (LOBATO, 2014, p. 207-208).

O Visconde de Sabusa corresponde à representação do homem da ciência e ao saber. É inventivo, reflexivo, pesquisador, amante dos livros, estudioso do latim, e apesar de sofrer vários acidentes sempre renasce depois, pois é “consertado”. Em uma dessas situações, depois que se empanturra com a leitura de Álgebra, é operado e se salva.

O Marquês de Rabicó é um porco comilão e guloso que vive para comer. Tia Nastácia está sempre a expulsá-lo da cozinha para onde vai com frequência para roubar qualquer comida que esteja ao alcance do seu focinho. Foi batizado de Rabicó porque possui apenas um toquinho de cauda e só se salvou de ir para o forno porque Narizinho brincava com ele desde pequenino. É o último de sete leitõezinhos, guloso, gordo, rosado e protegido por Narizinho que não deixa Tia Nastácia se aproximar dele para fazer um assado.

O Burro Falante, o Conselheiro, é um burro culto que adora ler e dar conselhos, muito educado, é um filósofo, que se dá bem com todos. Quem lhe deu o nome de Conselheiro foi Emília pelo fato de ele sempre dar bons conselhos às pessoas do Sítio. É um sábio que foi trazido pelas crianças do sítio do País das Fábulas, onde todos os animais têm o dom da fala e foi resgatado das garras de um leão pela turma do sítio.

O Príncipe Escamado é um peixinho, o soberano do Reino das Águas Claras. Conhece Narizinho às margens do ribeirão, se apaixona e casa-se com ela.

O Doutor Caramujo é o médico da corte do Reino das Águas Claras, um grande médico e respeitado por suas pílulas milagrosas que curam todas as doenças.

O Major Agarra-e-não-larga-mais é a sentinela do palácio do Príncipe Escamado. É um grande sapo que dorme sempre em serviço.

A Dona Aranha é a costureira mais procurada do Reino das Águas Claras, tem seis filhas aranhas também costureiras. Costurou para todas as princesas do País das Fábulas.

A Miss Sardine é uma sardinha norte-americana e dama da corte do Príncipe Escamado. Muito curiosa e perguntadeira, fez amizade com Tia Nastácia e acontece uma tragédia com ela quando visita o sítio.

3.2 A descrição da história *Reinações de Narizinho*

O primeiro capítulo se intitula *Narizinho Arrebitado* e a história se inicia com Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, que passeia todas as tardes com sua boneca de pano, Emília, no ribeirão que passa no fundo do sítio. Em um desses passeios, já quase caindo no sono, sente cócegas no rosto e ao abrir os olhos vê um peixinho vestido igual a gente que estava de pé na ponta do seu nariz. Era o Príncipe Escamado que mora no Reino-das-Águas-Claras, que estava acompanhado do Mestre Cascudo, um besouro vestido com sobrecasaca. Narizinho entabula uma conversa com o Príncipe que a convida para conhecer o seu reino. Assim se inicia a aventura que irá se desenvolver no Sítio do Picapau Amarelo. Narizinho leva consigo sua boneca Emília e juntas elas vivem muitas aventuras.

No Reino das Águas Claras encontram Dona Carochinha e o Polegar, conhecem a costureira das fadas, Dona Aranha, o Major Agarra-e-não-larga-mais e o Doutor Caramujo, médico muito competente, que é capaz de tudo curar. Emília que era muda, toma uma das pílulas mágicas do Doutor Caramujo e desanda a falar, por mais que de início sua fala seja confusa e atrapalhada, “Emília engoliu a pílula, muito bem engolida, e começou a falar no mesmo instante. A primeira coisa que disse foi: “Estou com um horrível gosto de sapo na boca!”. E falou, falou mais de uma hora sem parar” (LOBATO, 2014, p. 38-39).

O retorno ao sítio se dá quando Narizinho escuta como se fosse um trovão a voz de Tia Nastácia chamando-a e então uma ventania muito forte envolve Narizinho e a boneca e as leva de volta ao sítio. Narizinho fica então sabendo que seu primo Pedrinho vai chegar para passar uma temporada e Dona Benta e Tia Nastácia descobrem que Emília está falando. As duas ficam assombradas com o fenômeno.

No segundo capítulo, *O Sítio do Picapau Amarelo*, Narizinho sonha todas as noites com o Príncipe Escamado, Dona Aranha, o Doutor Caramujo e todos os outros “figurões” que conhecera e fica a imaginar mil e uma aventuras. Descobre que Emília fala a língua das formigas e das abelhas e percebe o quanto a boneca é teimosa por querer falar os nomes dos novos amigos

do seu jeito. Polegar, para Emília, é Polegada e o Doutor Caramujo era chamado de Doutor Cara de Coruja.

Narizinho começa a pensar em casar a boneca com o porquinho Rabicó. Uma das coisas que a menina mais gosta de fazer é subir na Jabuticabeira e ficar lá trepada na árvore se deliciando com as jabuticabas. Só se ouvia o barulho *tloc!* quando colocava uma fruta entre os dentes e depois de uma engolidinha de caldo, vinha o *pluf!* – e o caroço para fora. Ficava o dia todo na árvore, de onde só se ouvia o *tloc, pluf*. Finalmente, Pedrinho chega com presentes para todo mundo e cria um novo personagem, o Visconde de Sabugosa, supostamente o pai do Rabicó, que os primos denominam de Marquês.

O terceiro capítulo, tem o título *Marquês de Rabicó*. Narizinho traça um plano para casar Emília com o Marquês de Rabicó. Propõe a Pedrinho fazer um visconde de sabugosa com sinal de coroa na testa e cartola na cabeça. Pedrinho confecciona o pequeno boneco que recebe o nome de Visconde de Sabugosa. Narizinho inventa para Emília que Rabicó era filho do Visconde e que ambos foram encantados por uma fada e só iriam desencantar no dia em que “Rabicó descobrir uma certa minhoca com um certo anel mágico na barriga” (LOBATO, 2014, p. 104). É o Visconde quem faz o pedido de casamento para Emília em nome de Rabicó e, assim, Emília a contragosto, se casa e vira a Marquesa de Rabicó. Mas durante a festa o noivo come todos os docinhos e as crianças ficam bravas com o porquinho. Narizinho tenta consolar Emília dos maus modos do marido, mas Pedrinho entrega o jogo contando sem querer a verdade: “- Príncipe nada, Emília! Narizinho bobou você. Rabicó nunca foi nem será príncipe. É porco e dos mais porcalhões, fique sabendo. Ao ouvir aquilo, Emília caiu para trás, desmaiada...” (Idem, p. 115). Assim, Emília descobre que foi enganada e ficou casada com Rabicó, mas separada dele para sempre.

O Casamento de Narizinho é o capítulo quarto. No Reino das Águas Claras o Príncipe Escamado adoece e descobre que é doença de amor, pois não esquece Narizinho. Resolve pedi-la em casamento e envia uma cartinha com os seguintes dizeres:

Senhora!

A felicidade do Reino das Águas Claras está nas vossas mãos. Nosso Príncipe perdeu-se de amores e só pode ser salvo se a menina o aceitar como esposo. Ou casa-se ou morre, diz o médico da corte.

Querirá a menina salvar este reino da desgraça, compartilhando o trono com o nosso muito amado Príncipe?

(Assinado) Peixinho do mar (LOBATO, 2014, p. 123).

Narizinho lê a carta e aceita imediatamente. Pede ao primo para avisar que irá se casar, Dona Benta ouve a conversa e descobre que a neta irá se casar com um peixe e se espanta. E diz para Narizinho “- Sim, minha filha – respondeu Dona Benta com pachorra. – Todos se casam, não há dúvida. Eu me casei, sua mãe se casou. Mas todos se casam com gente da mesma igualha. É muito diverso disso de casar com um peixe” (Ibidem, p. 123). Narizinho e os outros personagens retornam ao reino para a cerimônia de casamento e vivem muitas outras aventuras maravilhosas. A primeira parte do casamento acontece, com a benção feita pelo casamenteiro – um Bernardo-Eremita -, mas na hora de colocar a coroa no Príncipe porque Rabicó comeu a coroa que era uma rosquinha de polvilho. O Príncipe Escamado fica muito bravo e a festa acaba com a debandada apavorada de toda corte e também de Narizinho e seus companheiros que voltam para o sítio.

O capítulo quinto, *Aventura do Príncipe*, narra a história da visita do Príncipe Escamado com todos os personagens do Reino das Águas Claras. Aparece no sítio um gato que se diz ser o tetraneto do Gato de Botas e conta que o Príncipe vem visitar Narizinho. As crianças querem fazer surpresa para a avó e Tia Nastácia dessa visita, que só descobrem quando veem os bichos marinhos no terreiro da casa. Elas ficam com medo e Tia Nastácia tranca a porta de entrada, mas Pedrinho coloca uma escada para que entrem pela janela da sala.

Dona Benta descobre que todos eles falam e vai se acostumando com todos. Tia Nastácia vai para a cozinha e uma sardinha curiosa, a Miss Sardine, cai no pote de pimenta-do-reino. Narizinho descobre que o Visconde, depois que voltou da viagem ao mar encharcado ficou uma doença chamada bolor. Ela mostra o sítio para o Príncipe Escamado para quem tudo é novidade e conhece a vaca Mocha. E acontece um grave acidente com Miss Sardine que cai na frigideira quando Tia Nastácia saiu da cozinha, a coitada morre frita e acaba sendo comida por Tia Nastácia. Todos ficaram comovidos com esse acontecimento e o Príncipe resolve retornar ao seu reino. De repente chega o Gato Félix aflito e conta que o Príncipe estava se afogando porque desaprendera a nadar. Narizinho sai correndo para salvar seu amado Príncipe.

O *Gato Félix*, no sexto capítulo, têm-se três histórias. A primeira delas é o próprio gato quem conta para os moradores do sítio. Diz ele que é cinquantaneto do Gato de Botas e que nasceu nos Estados Unidos da América, em Nova York, e assim vai narrando a história de como seu avô chegou na América no navio de Cristovão Colombo. Mas tanto o enredo como o final da sua história desaponta todo mundo. No outro dia é Emília quem vai contar uma história, mas pela manhã Tia Nastácia descobre que um pinto havia sumido do galinheiro. Pedrinho e Narizinho falam sobre sumição do pinto para o Visconde que resolve investigar o caso. À noite, a história de Emília prende atenção de todos e o Gato Félix fica enciumado da boneca. No outro

dia Tia Nastácia vem dizer que outro pinto sumira. Na noite seguinte foi a vez do Visconde contar a sua história e acaba por revelar que descobrira o ladrão do galinheiro. Era o Gato Félix que foi expulso a vassouradas por Tia Nastácia.

O sétimo capítulo chama-se *Cara de Coruja* e é a história da visita dos personagens dos Contos de Fadas ao Sítio do Picapau Amarelo: Aladim, Ali Babá, Branca de Neve, o Barba Azul, Capinha Vermelha, o Gato de Botas, o Pequeno Polegar e Peter Pan. Só ficou de fora o lobo que comeu a avó de Capinha Vermelha. O convite partiu de Narizinho e Pedrinho e foi enviado por meio de um beija-flor.

Depois vieram os heróis gregos, o valente Perseu que matou a Górgona, o heroico Teseu que matou o Minotauro e até a cabeça da Medusa, espetada na ponta de um pau, com aquela porção de cobras se mexendo no lugar de cabelos. Tantos personagens maravilhosos vieram, que o terreiro de Dona Benta ficou de não caber um alfinete. Narizinho olhava, olhava nomaioir êxtase de sua vida. Só reis e príncipes e fada e anões e madrastas boas e más, e bruxas e mágicos de chapéus em forma de cartucho, e ursos que viram príncipes, e lobos de dentuça arreganhada...Mas Peter Pan não aparecia – o que muito decepcionava Pedrinho (LOBATO, 2014, p. 227).

Mas o lobo apareceu e quando bateu à porta e começou a arranhar de forma furiosa, o desespero foi tão grande que Narizinho e as princesas desmaiaram. Emília é quem chamou Tia Nastácia, que pôs o lobo a correr com umas vassouradas. Finalmente Peter Pan chegou e foi uma festa. Quando deu seis horas os convidados foram embora e as crianças começaram a encontrar os objetos mágicos das personagens: a lâmpada de Aladim, a varinha de condão de Cinderela, as botas de sete léguas do Gato de Botas. Mas eis que Dona Carochinha aparece para buscar todos esses objetos. Relutantes, Narizinho, Pedrinho e Emília entregam tudo, e antes que Dona Carochinha chegasse à porteira, a boneca gritou: “ – Cara de coruja seca! Cara de Jacarepaguá cozinhada com morcego e misturada com farinha de bicho cabeludo – ahn!... – e botou-lhe uma língua tão comprida que Dona Carochinha foi arregaçando a saia e apressando o passo...” (LOBATO, 2014, p. 241).

No oitavo capítulo, Dona Benta encomenda mais livros para o livreiro de São Paulo porque já tinha lido todas as histórias da sua biblioteca. Ela tinha um jeito peculiar de ler e as crianças adoravam seu estilo:

A moda de Dona Benta ler era boa. Lia “diferente” dos livros. Como quase todos os livros para crianças que há no Brasil são muito sem graça, cheios de termos do tempo do Onça ou só usados em Portugal, a boa velha lia traduzindo aquele português de defunto em língua de Brasil de hoje. Onde estava, por

exemplo, “lume”, lia “fogo”; onde estava “lareira” lia “varanda”. E sempre que dava com um “botou-o” ou “comeu-o”, lia “botou ele”, ; ‘comeu ele” – e ficava o dobro mais interessante (Idem, p. 244).

Tinha chegado pelo correio o livro Pinóquio e depois de lido os primeiros capítulos surgiu a ideia, proposta pela boneca Emília, de Pedrinho fazer um irmão do Pinóquio. Organizaram um concurso para ver quem desenhava o modelo do boneco e como não chegavam a um consenso de qual desenho seria, decidiram por um sorteio, e acabou sendo sorteado o desenho mais feio, justamente o de Tia Nastácia. Ela ficou incumbida de confeccionar o boneco com o pau que Pedrinho encontrou. Quando ele apresentou o irmão do Pinóquio, vejam a reação:

Houve um “Oh!” geral de decepção, porque realmente não se poderia imaginar coisa mais feia, nem mais desajeitada. Os braços saíam do meio do corpo, quase; os pés não tinham jeito de pés; o nariz era um fósforo cabeçudo espetado no meio da cara; e a cabeça, em forma de castanha de caju, estava pregada nos ombros por meio de um prego torto, cuja ponta aparecia nas costas (LOBATO, 2014, p. 258).

O nome foi dado por Emília e quando todos pediram uma explicação do porque da escolha de João Faz de Conta, ela se saiu assim: “ – João, porque ele tem cara de João. Todo sujeito desajeitado é mais ou menos João. E Faz de Conta porque só mesmo fazendo de conta se pode admirar uma feiura desta. Faz de conta que não é feio. Faz de conta que não tem ponta de prego nas costas. Faz de conta que...” (Idem, p. 259). E assim ficou o nome do boneco: João Faz de Conta.

O nono capítulo, *O Circo de Cavalinhos*. Dona Benta propõe para as crianças realizarem “outro concurso muito engraçado – o concurso de “quem tem a melhor ideia”. Quem venceu foi Emília, com a sua estupenda ideia de um “círculo de escavalinho” (Ibidem, p. 275). Apesar de ser corrigida por Dona Benta da forma correta das palavras, a boneca teima e acaba aceitando um meio termo e fica então Circo de Escavalinhos. À medida que vão definindo os papéis de cada um, descobrem que o Visconde de Sabugosa, que fora cotado para ser o palhaço, teve um ataque súbito e desmaia quando ouve Tia Nastácia falar a palavra “mangarritmos” no lugar algoritmos. O Doutor Caramujo é chamado às pressas e o diagnóstico é que caso é grave e precisa ser operado, pois está “empanturrado de Álgebra e outras ciências empanturrantes” (LOBATO, 2014, p. 278). O espetáculo é organizado, os papéis distribuídos e os convites enviados para os amigos do País das Maravilhosas. Pedrinho cuidou da construção do circo depois de muito esforço. Chega o grande dia e o terreiro estava enfeitado de bandeirolas e arcos de bambu. Do Reino das Águas Claras só o Príncipe Escamado que não veio. Narizinho fica

sabendo pelo Doutor Caramujo que ele não voltou mais ao reino depois daquela viagem ao sítio de Dona Benta, e a desconfiança era de que ele tinha sido comido pelo Gato Félix. A menina fica muito triste com a notícia. Todos estão ansiosos para que comecem as apresentações e “A alegria no circo era imensa. Ainda que o espetáculo não valesse nada, todos se dariam por bem pagos da viagem pelo simples prazer da reunião” (Idem, p. 296). Emília fez o número da corrida de cavalo e o rabo do cavalinho ficou grudado no prego de Faz de Conta que segurava os arcos. O segundo número foi com Faz de Conta que engoliu espadas e fogo, só pegou fogo na ponta do fósforo e foi uma confusão daquelas. A plateia pediu insistentemente pelo palhaço, mas o Visconde de Sabugosa tinha sumido. Pedrinho entra no picadeiro com um elefante pequeno que na verdade era o Rabicó que estava muito parecido com um elefante ao natural. Mas o cachorro Maroto que estava na porta cuidando para o Barba Azul não entrar, ao ouvir os *coim, coim, coim* lá de dentro, agarrou com tanta força o elefante que rasgou a pele que escondia o porco, que por sua vez saiu correndo e berrando. As vaias e risadas foram imensas e Narizinho salvou a situação fazendo um intervalo.

Pena de Papagaio é o décimo capítulo. Aparece no sítio um garoto invisível e Pedrinho acredita ser Peter Pan, pois ele canta como galo, diz ter a idade de Pedrinho, só que é invisível e nunca ouviu falar de Peter Pan. As crianças dão o apelido de Peninha a ele depois de colocar uma pena amarrada na sua testa uma pena de papagaio que Emília tinha na sua malinha de viagem. Peninha tinha um mapa do Mundo das Maravilhas e empresta para Pedrinho mostrar para Narizinho:

Pedrinho achou muito graça de ver o mapa dobrado abri-se no ar, como se se abrisse por si mesmo. Espichou a mão, pegou-o e examinou-o.
 - Que bonito! – exclamou depois de ler os nomes de todas as terras e mares. – Até o sítio de vovó está marcado, com o chiqueirinho de Rabicó bem visível. Como obteve este mapa?
 - Viajando de lápis na mão. O Mundo das Maravilhas é velhíssimo. Começou a existir quando nasceu a primeira criança e há de existir enquanto houver um velho sobre a terra (LOBATO, 2014, p. 310).

As crianças resolvem viajar com Peninha para conhecer o Mundo das Maravilhas e o menino usou o pó de pirlimpimpim para chegarem até o lugar. No País da Fábulas encontram o Senhor La Fontaine e entabulam uma boa conversa com ele. Conhecem também a Esopo e depois o Leão da Fábula. Com medo, eles ficam atrás de uma rocha e a ver por meio de um fresta uma cena na qual o leão reúne a bicharada para resolver sobre uma terrível peste que está arrasando o reino. A solução proposta pelo macaco mono para acabar com a peste é um sacrifício do animal mais carregado de crime. Um por um dos animais, a começar do leão, se

declaram santos, apesar dos crimes cometidos por terem comido muitos animais. Somente o burro diz que nunca comeu nem uma mosca, que só come capim e por isso não se sentia culpado. Mas os demais animais o declaram culpado porque havia confessado que só não dava coices porque tinha os pés inchados e, portanto, daria coices sim se não fosse esse fato. Quando o tigre vai armar o bote para atacar o burro uma grande pedra desaba sobre ele. Era obra de Peninha e, na correria, cruza com o burro que também fogia e sobe no lombo do animal. As crianças sem ajuda de Peninha perambulam por ali até encontrarem o País dos Macacos e são feitos prisioneiros pelo Rei-Sol. Quem vem salvá-los é Peninha, que colocou uma dose de dormideira, uma planta que faz dormir, no poço onde os macacos tomam água e todos entram num sono profundo. Assim, eles saem correndo em cima do burro.

O décimo primeiro e último capítulo chama-se *O Pó de Pirlimpimpim*. Ao chegarem no sítio, Dona Benta se inteira da aventura e conhece Peninha e o burro que os trouxera para casa. Ela e Tia Nastácia ficam admiradas em saber que o burro falava. Dona Benta demonstra desejo de conhecer La Fontaine e Pedrinho propõe de levá-la até o País das Fábulas: “ – Tive uma grande ideia vovó! – berrou ele. – Levar a senhora lá!...Já sabemos o caminho e temos o Burro Falante para nos conduzir. Que acha?” (LOBATO, 2014, p. 351). Depois de relutar um pouco ela acaba cedendo e todos sobem no burro e cheiram o pó de pirlimpimpim. Mas a dose foi um pouco exagerada e eles chegam nas terras das Mil e Uma Noites. Sem saber, amarram o Burro Falante numa das pernas do Pássaro Roca que sai voando, levando o Burro amarrado pelos ares. Pedrinho vai em busca de ajuda no castelo do Barão Münchhausen depois de cheirar um pouquinho do pó de pirlimpimpim. Retorna com o Barão que diz que precisam esperar o Pássaro Roca voltar. Logo o pássaro aparece no céu e o Barão consegue dar um tiro com espingarda pederneira e rompe a corda que prendia o burro, que acaba caindo no mar. Pedrinho e o Barão salvam o Burro, mas o Visconde de Sabugosa que estava amarrado na crina do Burro é encontrado morto por Narizinho na praia.

Todos correram para lá, e de fato viram o pobre Visconde semienterrado na areia, morto, completamente morto!...Tinha-se afogado, e fora trazido pelas ondas. Pobre Visconde! Sem cartola, de língua de fora, olhos cheios de areia, corpo metade comido pelos peixes...Todos se comoveram profundamente, sobretudo ao verem que não largara a canastrinha. Fiel como um cão, cumpridor da palavra como um verdadeiro nobre, perdera a vida,mas não perdera a carga que lhe fora confiada!... (LOBATO, 2014, p.364).

Emília, que não derramara nenhuma lágrima pelo Visconde, teve a ideia prática de deparar o cadáver e o guardou na canastrinha já pensando que Tia Nastácia poderia dar uma jeito nele. O Barão Münchhausen leva-os para seu castelo mas no desfiladeiro, por entre as

montanhas por onde a carruagem tem que passar, tem uma pedra bloqueando o caminho. Quando examinam melhor, descobrem que se trata de um ovo do Pássaro Roca que tinha rolado do ninho do alto da montanha. Resolveram quebrar o ovo e, ao invés de sair clara e gema, sai um enorme pinto que fica a piar uns pios agudíssimos. Dona Benta está agoniada com toda a aventura e morrendo de medo do Pássaro Roca, que no final acaba aparecendo porque ouviu os pios do filhote. Todos desandam a correr para o palácio do Barão, inclusive Dona Benta, que esquece a idade e o reumatismo. Já no palácio, ela resolve dormir cedo por estar muito cansada e só descobre no outro dia que o Barão tivera que viajar para atender o Imperador, pois seu país tinha declarado guerra aos turcos. Pedrinho vendo a aflição da avó, mas a contragosto, resolve que precisam voltar para o sítio. Porém, o pó de pirlimpimpim não faz efeito porque ficou molhado com a água do mar. É Emília que salva a situação com uma grande ideia:

- Fechem os olhos com toda força! – berrou ela dando o exemplo. Instintivamente todos obedeceram. Fecharam os olhos com toda a força, como a gente faz nos sonhos quando vai caindo num precipício. Ficaram uns minutos assim. Quando novo abriram os olhos...estavam no sítio outro vez, perto da porteira! (LOBATO, 2014, p. 372).

De volta ao sítio, Tia Nastácia de mãos na cintura os recebe na porta, mas já sabia de toda a história porque o Burro Falante chegara primeiro e tinha contado toda a aventura. Chega uma carta da mãe de Pedrinho anunciando o começo das aulas. O garoto teve que arrumar as malas para ir embora no dia seguinte. Ele dá adeus a todos com os olhos úmidos e antes de chegar na porteira, Emília pede a ele que se despeça do Visconde de Sabugosa. Pedrinho fica surpreso e pergunta: “Pois o Visconde não morreu, Emília? (Idem, 2014, p. 373). A boneca replica que morreu mas não acabou ainda.

E assim termina essa linda história que reúne fantasia e imaginação de forma maravilhosa e encantadora.

Considerações Finais

Ao terminar este trabalho, fica a constatação do quanto o estudo da obra *Reinações de Narizinho* se constituiu uma experiência importante por oportunizar o aprofundamento de conhecimentos acerca de teorias, conceitos e pesquisas sobre temas como os princípios da Escola Nova e a configuração de uma literatura infantil inovadora no Brasil. Como informado na Introdução, este estudo complementa a pesquisa de Iniciação Científica com o tema *O Estado da Arte: As Reinações de Narizinho na Obra de Monteiro Lobato*.

Inicialmente procurou-se investigar a conjuntura histórica e social que ensejaram o surgimento do movimento da Escola Nova, colocando-o como ideário a orientar as mudanças no âmbito da escola e do trabalho didático, assim como conhecer os princípios filosóficos que fundamentam suas bases. Constatou-se que o surgimento do movimento escolanista se deu em consonância com as mudanças estruturais ocorridas na própria sociedade e se constituiu uma expressão dessas mudanças.

Abordou-se as mudanças estruturais ocorridas no país entre os séculos XIX e XX e a contribuição do intelectual e crítico literário Monteiro Lobato. Foi possível evidenciar a postura empreendedora e arrojada do escritor em relação às mudanças na produção e edição dos livros, em especial os destinados ao público infantil. Seu engajamento com as questões sociais e políticas denotam uma figura em sintonia com os acontecimentos de seu tempo, arguto observador e um crítico ferrenho do atraso econômico do país, da falta de educação do povo e da não valorização das questões nacionais, enfim, era um nacionalista mas também um liberal. Ao mesmo tempo que acompanhava e compartilhava dos princípios liberais, manteve-se livre para formular suas proposições para os problemas nacionais e para compor sua literatura, notadamente a literatura infantil, com a qual se notabilizou e criou uma nova linguagem inovadora para a sua época.

Na análise de *Reinações de Narizinho*, observou-se que houve aproximação com os elementos centrais que marcam os fundamentos da Escola Nova, pois a composição das personagens, o ambiente no qual se passam a maior parte das aventuras das crianças do Sítio, o uso de uma linguagem abrigada, simples e direta estão em sintonia com os pressupostos escolanovistas. Porém, numa análise mais ampla e tomando como referência os estudos de Souza (2017) inferimos que sua abordagem extrapola as questões centradas nos pressupostos escolanovistas na medida que não é possível identificar claramente nenhuma intencionalidade em assumi-los na sua literatura. O que foi possível inferir é que Lobato, como homem culto que era, por ser integrante da elite e ter a capacidade de captar as transformações em curso na

sociedade em que estava inserido, conseguiu absorver essa atmosfera e transpor para sua obra toda a inquietação que tinha em relação a como devia se realizar a educação e o tratamento dos adultos para com as crianças. Outro aspecto que defendia com ardor era valorização das riquezas naturais do país e a adoção de técnicas modernas e práticas de gestão inovadoras na condução dos negócios públicos e privados.

Por fim, entendemos que Monteiro Lobato, com a sua literatura infantil, conseguiu traduzir com linguagem e estética inovadoras aspectos mais amplos que aqueles que orientaram o movimento pedagógico da Escola Nova. Valorizou sobremaneira a atividade das crianças na idade escolar, a saber: a imaginação, a criação, a realização de desejos, a autonomia, a criatividade, a irreverência e alegria.

Referências:

- ALBORGHETTI, Luciana França. *Representação de infância em Monteiro Lobato*. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2008.
- ALVES, Gilberto Luiz. *A Produção da Escola Pública Contemporânea*. Editora Autores Associados, 2001.
- AZEVEDO, Carmem L., CAMARGOS, Marcia M. De R., SCCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora SENAC, 1997.
- BERTOLUCCI, Denise Maria de Paiva. *A composição do livro Reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato: consciência de construção literária e aprimoramento da linguagem narrativa*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP (Área do Conhecimento: Literatura e Vida Social), Assis, 2005.
- BEVILLAQUA, Aluisio Pampolha. *John Dewey e a Escola Nova no Brasil*. Revista Ciência & Luta de Classes Digital do Centro de Educação Popular e Pesquisas Econômicas e Sociais (CEPPES), n. 1, v. 1. 2014. <https://ceppes.org.br/revista/edicoes-anteriores/edicao-agosto-de-2014-n-1-v-1>. <Acesso em 27/06/2017>.
- BIGNOTTO, Cilza. *Anísio Teixeira e a escola nova na obra de Monteiro Lobato: convergências e divergências*. Presença Pedagógica, São Paulo, v. 6, n. 35, p. 20-27, set./Out. 2007.
- CARNIO, Giovanna de O. *Ação e Pensamento de Monteiro Lobato*. (Monografia). Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Economia: Campinas, SP, 1997.
- DEWEY, John. *Vida e Educação*. 10.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- _____. *A Escola e a Sociedade e A criança e o Currículo*. Lisboa: Relógio D'Água, 2002.
- FERNANDES, Enilda. *Métodos e Conteúdos de Alfabetização em Manuais Didáticos nos Séculos XIX e XX: de Calkins a Lourenço Filho*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-graduação em Educação. Campo Grande, 2014.
- KINOUCI, Renato Rodrigues. *Notas Introdutórias ao Pragmatismo Clássico*. Scientiae Studia: São Paulo, v. 5, n. 2, p. 215-226, 2007.
- LAJOLO, Marisa. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. São Paulo: Ática, 1993.
- LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: história e histórias*. Ática, 1988. 4ª edição.
- LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 1ª edição, São Paulo: Globo, 2014.
- MANIFESTO dos Pioneiros da Educação Nova (1932): a reconstrução educacional no Brasil – ao povo e ao governo. (doc.) Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. especial, p.188–204, ago. 2006 - ISSN: 1676-2584.

http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf. <Acesso em 01/05/2016>.

MARX, K., ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. 3. Ed. São Paulo: Summus, 1979.

NUNES, Luciana Aparecida. *A literatura infantil de Monteiro Lobato e o ideário escolanovista*. Revista de Iniciação Científica FCC, v. 4, n. 2, 2004.

PIAGET, Jean. *Psicologia e Pedagogia: a resposta do grande psicólogo ao problema do ensino*. Tradução: Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva. 10ª ed. Revista. Rio de Janeiro: Forence Universitária.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção educação contemporânea)

SOUZA, Ana A. Arguelho. *A Literatura de Monteiro Lobato e a Escola Nova*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, v. 17, n. 71, p. 20-41, mar. 2017 – ISSN: 1676-2584. <Acesso em 12/05/2017>

_____. *Literatura Infantil na Escola: a leitura em sala de aula*. Campinas, SP: Autores Associados, 2010 (Coleção formação de professores).

TEIXEIRA, Anísio. *Educação Progressiva: uma introdução à filosofia da educação*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934.

_____. *Aspectos Americanos de Educação & Anotações de Viagem aos Estados Unidos em 1927*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. *Pequena Introdução à Filosofia da Educação: a escola progressiva ou a transformação da escola*. 5ª ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1968.

VIGOTSKI, L. S. *A brincadeira e seu papel no desenvolvimento da criança*. A Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais. N. 8, Abril de 2007. Publicação, junho de 2008.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. *Literatura Infantil Autoritarismo e Emancipação*. São Paulo: Ática, 1984.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na Escola*. Global, 2003.